



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



MARÇO 2014 • XLIX • nº 469

CONVERGÊNCIA

- Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* do Papa Francisco
- Tráfico de pessoas: uma “realidade clamor” que interpela e desafia a missão profética da VRC
- A narrativa transmídia: o discurso do mundo midiático integrado na VRC

Sumário

Editorial

CRB Nacional, 60 anos a serviço do Reino de Deus.....105

Mensagem

Meus anos na coordenação da Vida Consagrada do e no Brasil
EDÊNIO VALLE 108

Informes

Estatuto da CRB Nacional..... 117
No chão da Amazônia, a articulação de ações contra o tráfico de pessoas
ROSELEI BERTOLDO 118
JMJ no Rio: aspectos marcantes
RUBENS NUNES DA MOTA 126

Nota

Nota da CRB Nacional pela passagem do Pe. Libanio133

Artigos

Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* do Papa Francisco
J. B. LIBANIO 134
Tráfico de pessoas: uma “realidade-clamor” que interpela e desafia
a missão profética da VRC
EURIDES ALVES DE OLIVEIRA 154
A narrativa transmídia: o discurso do mundo midiático integrado
na Vida Religiosa Consagrada (VRC)
NÚBIA MARIA DA SILVA.....173



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETOR

Ir. Paulo Petry, fsc

EDITOR

Ir. Lauro Daros, fms

REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitória, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P.209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:
Marina Mendonça

Revisão:
Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Ir. Paulo Petry

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não representam necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual: Brasil: R\$ 110,00
Exterior: R\$ 160,00 • Números avulsos: R\$ 11,50



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 110,00 (para o Brasil)
- R\$ 160,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

CRB Nacional, 60 anos a serviço do Reino de Deus

105

EDITORIAL

Estimados leitores e estimadas leitoras, saudações da CRB. Neste ano jubilar, a Revista de março traz a mensagem do Pe. Edênio Valle, presidente nacional da CRB de 1989 a 1995. Ele inicialmente se apresenta aos que não o conheceram nos tempos em que dividiu larga parte de sua vida com os Religiosos e Religiosas do Brasil à época de sua gestão à frente da VR Nacional, de 1989 a 2005.

Para Edênio, “a tarefa principal da CRB de hoje é a de preparar a VR brasileira, mesmo se mais enfraquecida que há vinte anos, para responder ao desafio que o Papa Francisco lança a toda a Igreja: ser um sinal de esperança para todos os que buscam uma renovação do mundo. O que a VR tem primariamente a oferecer é a alegria de viver o Evangelho e de ser, no seio de uma Igreja peregrina e missionária, um sinal profético do Reino”.

O primeiro texto da seção Informes trata da aprovação dos Estatutos da CRB Nacional. Diz o Decreto: “A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica aprovam os Estatutos da Conferência dos Religiosos do Brasil”.

O texto seguinte narra a experiência que a Rede Um Grito pela Vida vem realizando no Amazonas. Escreve a Ir. Roselei que: “Ao pisar no chão destas realidades nos deparamos com diversas situações: desaparecimentos frequentes de crianças e adolescentes, alto índice de exploração sexual, pedofilia, gravidez precoce, turismo sexual, drogadição, pandemia alcoólica, trabalho degradante, escravidão, narcotráfico”.

Fechando a seção Informes, Frei Rubens partilha a experiência pessoal que teve durante a Jornada Mundial da

Juventude, bem como algumas pistas que emergiram do Encontro Nacional pós-JMJ para a Revitalização da Pastoral Juvenil promovido pela Comissão Episcopal para Juventude da CNBB. No final do texto, despede-se como assessor da CRB no setor Juventudes: “Termino este breve artigo agradecendo por estes quase cinco anos na assessoria executiva da CRB Nacional”. A CRB Nacional e a VRC agradecem ao Frei Rubens pelo tempo e amor dedicados às “Juventudes” e às Novas Gerações. Frei Rubens exala entusiasmo pela Pastoral de Juventude, dedica aos jovens carinho e, mesmo sem estar na CRB como Assessor, vai continuar sua missão junto às Juventudes.

Na seção Nota, publicamos uma mensagem escrita por Ir. Paulo Petry, presidente nacional da CRB, pela passagem do Pe. Libanio, ocorrida em 30 de janeiro de 2014, em Curitiba. Diz o Ir. Paulo Petry: “Padre João Batista Libanio é sem dúvida um daqueles que soube lançar a boa semente, que soube cultivar o jardim da existência e deixou este mundo melhor com a sua passagem por aqui”.

Abre a seção Artigos o texto “Exortação Apostólica *Evangeli gaudium* do papa Francisco”, o artigo póstumo do Pe. Libanio, enviado à CRB em 3 de dezembro de 2013 para ser publicado neste número da Convergência. Nele, o autor explica que “a reflexão se orienta em três direções. Buscaremos identificar a experiência fundamental de Deus que preside todo o texto pontifício. Em seguida, que tipo de Igreja ele desenha e finalmente pontos concretos da necessária conversão pastoral”.

Em seguida, Ir. Eurides fala sobre o “Tráfico de pessoas: uma *realidade-clamor* que interpela e desafia a missão profética da VRC”. Escreve a autora que “o tráfico de pessoas, sobretudo de mulheres e crianças, que são as vítimas em potencial deste ilícito negócio, é hoje um dos mais urgentes apelos históricos para a sociedade, e com especial convocação para a Igreja, e nela a Vida Religiosa, cuja missão de cuidar, proteger, defender e promover a vida ameaçada, é imperativo Teológico”.

Por fim, Ir. Núbia apresenta a narrativa transmídia. A Vida Religiosa Consagrada (VRC) se integra nas redes

digitais para a divulgação de experiências de seus membros com narrativas da “essência da vida consagrada”. Explica Ir. Núbia que “o artigo tem como tema ‘A narrativa transmídia: o discurso do mundo midiático integrado na VRC’”. O debate sobre “Novas Tecnologias na Vida Consagrada” não só apresenta desafios, mas também novas perspectivas de integração na cultura da convergência.

LAURO DAROS, MARISTA

Meus anos na coordenação da Vida Consagrada do e no Brasil

EDÊNIO VALLE, SVD

1. *Apresentando-me e dizendo de onde vim*

1.1. Apresento-me inicialmente aos que não me conheceram nos tempos em que dividi larga parte de minha vida com os Religiosos e Religiosas do Brasil à época de minha gestão à frente da VR Nacional, de 1989 a 2005.

Foi uma experiência que marcou e marca ainda hoje minha vida e mesmo minha pessoa com suas opções. É neste contexto que insiro as lembranças – a maioria delas muito positivas – que ainda me povoam a mente devido às experiências vividas de norte ao sul do país nos dois períodos em que fui Presidente da CRB Nacional. Foram momentos bonitos e por vezes difíceis em que tive ao meu lado um grupo extremamente generoso de religiosas/os e leigos/as que devotamente haviam assumido comigo a animação e direcionamento da caminhada da VR no Brasil. A eles e elas minha gratidão.

1.2. Tanto na CRB quanto na CLAR eu já havia tido uma experiência anterior de acompanhamento dessa marcha cheia de altos e baixos. Sendo psicólogo eu percebia certa inflexão do processo, não só devido às pessoas quanto à caducidade das instituições em si. Mas podia também constatar sinais evidentes de vigor e audácia, em especial do lado feminino. Como membro havia vários anos da Equipe de Reflexão Teológica (da CRB e da CLAR) e de outros organismos de reflexão e ação da Igreja, nada disso era novo para mim. A novidade estava era no dever de assumir com tantos Irmãos e Irmãs uma responsabilidade histórica que

dizia respeito a todo o continente, pois eu acumulava na CLAR as responsabilidades de uma Vice-Presidência, aliada ao encargo de coordenar a Equipe Bíblica (Programa Palavra e Vida) e a edição de uma coleção de 40 livros (intitulada “Vida Religiosa e Libertação”), ambas planejadas para os anos de 1988 a 2002, que seria o dos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América. Nos dois casos esse trabalho já bem adiantado foi proibido pelas autoridades eclesásticas de Roma por pressão de influentes hierarcas dos episcopados da Colômbia, México, Brasil e Argentina. Este último Programa teve, contudo, sequência no Brasil, com inteiro apoio da CNBB, resultando em meia dúzia de livros amplamente divulgados pelo Programa “Tua Palavra é Vida”; talvez tenha sido a principal iniciativa da CRB naqueles anos e que se tornou um marco da renovação e base fundante da VR no Brasil e em vários outros países, inclusive da África e da Europa, chegando mesmo à Ásia e, anos depois, assumido por documentos e um Sínodo dos Bispos. A pena e a decepção foram grandes, mas não abalou nossa fé e confiança no que é essencial na caminhada: o seguimento de Jesus segundo as exigências do Evangelho vivido em nosso tempo e circunstâncias.

1.3. Por esses tempos, tive uma participação bastante forte em vários outros organismos da Igreja (CNBB, INP, AEC, ABESC, OSIB, INP, CNP etc.) e uma intensa participação na área universitária e política, que me permitiam fazer pontes entre duas perspectivas ou mundos com tendências e concepções entre si dissonantes: uma secularizada e laica (a do mundo em transformação) e outra atravessada por resistências à mudança (a da Vida Religiosa). Essa tensão tornou-se clara na Assembleia do Episcopado Latino-Americano, de Puebla, e repetiu-se na de Santo Domingo. Após esses magnos eventos, já no papado de João Paulo II, eram patentes as restrições e admoestações que culminaram com a intervenção da Santa Sé na CLAR (quando eu já não era mais um de seus mentores e responsáveis). Pouco depois, no Sínodo de Bispos sobre a Vida Consagrada (Roma, 1993), os então Cardeais do Rio de Janeiro e de Bogotá (ambos já junto do Pai) foram defensores ferrenhos da intervenção das Conferências de Religiosos e Religiosas, postulando

mesmo sua extinção para o bem e a unidade da Igreja. Algo análogo já havia acontecido nos Estados Unidos e veio mais uma vez se repetir já após o ano 2000.

Devo ainda mencionar outras três experiências pessoais que moldaram o meu modo de ver a realidade do mundo e da Igreja, questionados pela globalização, pelas tecnologias de comunicação e pela perda da influência dos grandes sistemas de pensamento, especialmente os religiosos, mas também os filosóficos e político-ideológicos. Os cenários de discussão dos grandes relatos se liquefizeram e perderam sua credibilidade, tanto prática quanto teórica. Foram meus estudos (oito anos na fase da graduação em Teologia e Psicologia e outros três na de doutorado nesta última área de conhecimento) que me ajudaram a ter uma posição ante o que se passava na Igreja e no mundo, durante os quatro anos de minha estadia em Roma, concomitantemente com o Concílio Vaticano II. Esses anos de estudo permitiram-me acompanhar passo a passo a evolução interna da Teologia e da concepção de Pastoral consagradas pelo Concílio. Prepararam-me igualmente para uma inserção proveitosa e intensa nos problemas do pensamento crítico, quando pouco antes do “Ato Institucional 5” (de 1968), entrei no corpo docente da PUC de São Paulo.

Durante oito anos, no auge da repressão militar brasileira, exerci naquela Universidade o cargo de Vice-Reitor. Foi então que me engajei na ação pastoral e política da Igreja de São Paulo (liderada por Dom Paulo Evaristo Arns). Nesses mesmos anos fui também Provincial da Congregação do Verbo Divino em São Paulo e Coordenador-Geral da minha Congregação nas três Américas. Note-se que tais trabalhos coincidiam com os anos em que se acendiam as controvérsias sobre a ação e a presença da Igreja (e da VR!) nos conturbados cenários sociopolíticos vividos pelas sociedades latino-americanas. Ora, todos sabemos que os Religiosos/as do Brasil desenvolveram durante longo tempo um papel decisivo nas escolas, nos sistemas de saúde e de ação social e na organização e formação dos sindicatos. Com a Revolução de 1964, o cenário transformou-se inteiramente, causando crise no que funcionara tão bem até a era Vargas e

Kubitschek. Simultaneamente cessou a vinda de missionários estrangeiros e deu-se uma crise no campo da pastoral vocacional e da formação à VR.

2. Observações para contextualizar melhor minha visão da CRB de 1988-2005

2.1. Toda minha experiência de vida (a descrita e a que se seguiu após meu retorno a São Paulo e à Universidade) me levou a continuar mantendo laços não oficiais com inúmeras congregações religiosas masculinas e femininas. Aos poucos, por solicitação do Conselho de Presbíteros do Brasil (CNP) e de inúmeros Bispos do Brasil, comecei a deslocar o meu campo de trabalho para o acompanhamento dos presbíteros diocesanos, cujo número, diferentemente do que se verificava na VR, começava a crescer de maneira surpreendente, tornando em poucos anos o clero diocesano mais jovem e mais brasileiro e menos originário de famílias vindas do Sul, do Sudeste e de alguns bolsões tradicionais do Nordeste. Essa parte dos presbíteros brasileiros superou a dos ligados a congregações religiosas, antes majoritários. Ao mesmo tempo começaram a ser quebrados os elitismos e o clero passou a ter o rosto e a cor dos brasileiros reais. Por essa razão surgiram problemas novos e passei a dar assessorias e a fazer pesquisas que têm a ver mais com os presbíteros diocesanos do que com os religiosos. No plano socioantropológico e psicológico, vendo os desenvolvimentos que estavam se dando no campo religioso brasileiro, iniciei na Universidade pesquisas sobre esses fenômenos de mudança. Além de dirigir projetos de pesquisa sobre estes aspectos, trabalho, desde o ano 2000, com um grupo de psicólogos/as, no Instituto de Psicoterapia Acolher (ITA), uma organização profissional de psicólogos a serviço do clero e da VR do Brasil. São experiências que me permitem ver melhor o que vai “dentro” desse grupo muito especial, que dedicou suas vidas ao serviço do Reino e ao próximo, mas que continua vivendo impasses que, embora pessoais, se devem basicamente às matrizes que os sustentam e que, embora funcionais até o Vaticano II, já não dão conta como arrimo de suas pessoas.

Tenho para mim que uma “refundação” estrutural das instituições que seja capaz de dar resposta às crises que continuamos vivendo desde o início do Vaticano II, e possa ir às raízes históricas de seu transplante para o Brasil, por fundamental que seja, não irá responder aos processos pelos quais passa o amadurecimento humano-afetivo dos jovens que batem às nossas portas ou de alguém de 77 anos de idade, como eu. E menos ainda ao diálogo entre as gerações que viveram e implantaram entre nós o Concílio e os que estão chegando moldados em ambientes muito distintos do das famílias e contextos religiosos em que nós, os mais velhos, fomos socializados em um passado que se faz cada vez mais distante do mundo e da cultura de hoje.

2.2. Olhando para o que vivi nestes mais de 50 anos de vida em uma congregação de missionários, me convenço sempre mais de que a Vida Consagrada, para se situar hoje, precisa ter uma espécie de retrovisor. Essa exigência já existia na época de minha gestão como Presidente, mas se tornou mais urgente nos dias de hoje, onde se repete a confusão das línguas da Babel dos tempos bíblicos. Em meus anos de dirigente da CRB e da CLAR, mesmo quando se acelerou a evasão dos seminários e conventos, existia no fundo não uma negação do que pedia o Concílio, mas uma tensão entre duas visões principais sobre o que deveria ser a VR: uma vinha desde baixo; era a que as religiosas de meu tempo chamavam de o “sonho de tantas Marias”, e outra vinha desde cima, de instâncias externas, no fundo estranhas à própria VR.

Do lado dos/as religiosos/as, como fruto das novas práticas de vida e missão, existiam encaminhamentos e decisões concretas na linha de mudança do lugar social da VR. Era opinião generalizada de que “avançar era preciso”. Do lado das autoridades eclesiais, porém, existia uma pressão cada vez mais explícita no sentido de “voltar à grande disciplina” (expressão paradigmática de J. B. Libanio, nos anos 1980). O diálogo da Igreja com o mundo moderno estava sendo jogado para as calendas gregas e, no caso da VR latino-americana, em suas estruturas e configurações

históricas, contava como uma quase condenação. O diálogo com a modernidade que havia sido o tema-chave e *leit motiv* do Vaticano II estava sendo freado desde uma visão europeia que teimava em ignorar nossa realidade. Nessa perspectiva, o desafio deixava de ser a opção preferencial pelos empobrecidos e a inserção em seus ambientes de vida e cultura conforme profeticamente anunciado e proposto pelo Documento de Medellín (1968). A política oficial de Roma estava orientada para a preservação das estruturas e modos de vida que haviam resultado da implantação do modelo romanizado que se firmou no Brasil durante a primeira metade do século XX e que, olhando no retrovisor, se nos afigura hoje como fruto de uma opção preferencial pelas classes médias urbanas e brancas, servidas por uma rede de colégios, hospitais, conventos e paróquias que tiravam às congregações a liberdade necessária para se dedicar missionariamente aos irmãos empobrecidos por séculos de opressão. Com isso não se está negando que desde os tempos dos primeiros jesuítas a VR tenha se negado a atender também aos índios, aos pobres, aos órfãos e aos idosos.

Mas é inegável que na estrutura que ainda encontrei, ao entrar na VR e missionária, quase se exigia que os recursos financeiros e de pessoal fossem destinados prioritariamente à poderosa rede de obras que havia sido pouco a pouco construída com a generosidade e os sacrifícios dos milhares de religiosos/as que aportavam ao Brasil. Em tal contexto era inevitável que as contradições internas e externas do modelo de VR, reduzida à suplência do que em si é dever do Estado começasse emergir, provocando tensões já no fim dos anos 1980, época em que surgem as primeiras novas formas de Vida Consagrada originadas do movimento “carismático”, cujo estilo conservador imitava o que se dava nos neopentecostalismos midiáticos que chegavam avassaladoramente aos meios populares do Brasil. Nas novas formas de consagração que apareciam em ambientes católicos existiam e continuam existindo aspectos positivos, mas também várias armadilhas. Eis alguns exemplos: sua natureza mais laical; sua busca de expressões que toque o coração e a mente; sua atenção ao modo religioso-cultural dos participantes,

seu cultivo de uma experiência pessoal de Deus, sua maior percepção da presença e ação do Espírito Santo na Igreja e na vida de cada um etc. Mas, apesar de tais elementos de grande riqueza do ponto de vista de uma vida contemplativa e de fé com a exigida por nosso carisma de religiosos/as e da promissora presença de muitos leigos e leigas nessas comunidades, era fácil perceber nesses movimentos um viés conservador que impedia o compromisso missionário e o tipo de comunidades de discípulos/as que as sucessivas Diretrizes para a Ação Evangelizadora, que a CNBB lança a cada quatro anos para a ação evangelizadora de nossa Igreja.

3. Altos e baixos da caminhada da passagem dos anos 1980 aos anos 1990

3.1. Quando assumi a Presidência da CRB, recebi das mãos de meus antecessores uma Conferência bem organizada em que tudo funcionava bastante bem e que parecia dar frutos que correspondiam às necessidades de então. A estrutura era relativamente cara e exigia muito do pessoal encarregado dos vários setores da organização. No entanto, não havia como negar que algo estava faltando, pois havia problemas de fundo que retornavam sempre e não tinham perspectiva de solução fácil. A estratégia adotada não foi a de tentar enxugar logo a organização para acentuar só que era realmente essencial. A formação, tanto inicial, quanto, principalmente, a continuada, deveria se centrar na criatividade profética das congregações e das pessoas e comunidades mais que num planejamento centralizado na Conferência e na força da instituição em si. A palavra que passou a sintetizar o grande objetivo a ser perseguido foi a de “refundar o carisma e a instituição da Vida Religiosa”, acentuando sobretudo a experiência pessoal de Deus, o compromisso com comunidades a serviço cada vez mais próximo às necessidades do povo e a missão evangelizadora em lugares de fronteira com lenta mudança do lugar social anteriormente ocupado pela Vida Religiosa em nosso país. Tratava-se no fundo de recriar a figura histórica recebida dos missionários europeus, homens e mulheres, que aportaram ao Brasil em

fins do século XIX e inícios do século XX para criar uma imensa rede de obras sociais que dava à Igreja prestígio e liderança em problemas, sem dúvida, essenciais, mas que afastavam ao mesmo tempo e cada vez mais os/as religiosos/as das populações mais carentes.

Refundar significava para nós, mais do que reformar, reformular ou refazer. Significava basicamente fazer uma experiência radical de Deus do seguimento a Jesus na comunidade de discípulos trazendo de novo a VR às suas raízes originais e essenciais. Não era apenas uma atitude “espiritual” a ser tomada no recôndito de cada coração, e sim uma mudança estrutural capaz de pôr no centro do movimento de renovação a ação do Espírito que nos convocava a um êxodo do lugar que ocupávamos antes na linha dos valores do Reino.

Mais concretamente foram implementados alguns grupos específicos de apoio e ação dos/as Religiosos/as que avançavam em direção a territórios de missão que pouco conhecíamos ou aos quais não dávamos a necessária atenção. Antes de tudo, pensou-se na escuta mais atenta da Palavra de Deus, lida e meditada desde os empobrecidos da história. Foi nessa linha que se deu grande atenção à formação bíblica e à Leitura Orante da Bíblia e se procuraram formas mais decididas de compromisso com os irmãos negros e indígenas, relegados a um segundo plano em função do excesso das atividades e obras orientadas para grupos sociais mais privilegiados. Um terceiro ponto foi o referente ao fortalecimento de uma VR inserida em meios populares. Ao perceber que os religiosos jovens já demonstravam dificuldades próprias a eles como grupo, tiveram início os primeiros Congressos da VR Jovem.

No mais, seguiram-se praticamente todas as linhas de serviço sabiamente implementadas desde os tempos do Pe. Marcello Azevedo, SJ (cursos de formação para distintos setores da VR, regionalização, equipes pensantes, publicações, contatos com Episcopado e as igrejas locais etc.).

3.2. Como se disse na parte inicial deste depoimento, alguns grandes impasses e dificuldades persistiram e até aumentaram. Houve desânimo e alguns Irmãos e Irmãs se

desencantaram com a VR. Não se logrou dar respostas ade-

No chão da Amazônia, a articulação de ações contra o tráfico de pessoas

IR. ROSELEI BERTOLDO*

A Rede Um Grito Pela Vida, Regional Manaus/Roraima, é composta de Vida Religiosa Consagrada, com a presença de oito congregações, Cáritas Arquidiocesana, Equipe Itinerante e voluntárias/os. Iniciou sua articulação no final de 2010. Nos últimos dois anos a Rede vem ganhando visibilidade no Estado e se firmando através de diversas atividades, o que contribuiu para o processo de sensibilização e visibilidade da realidade do TP no Estado do Amazonas.

As congregações e demais instituições incluem em seus planejamentos atividades de sensibilização e formação de lideranças com o tema do tráfico de pessoas nas comunidades onde estão inseridas, resultando em grande número de pessoas sensibilizadas ante essa problemática.

1. Olhar sobre a realidade

A escravidão moderna ganha força com o silêncio das pessoas. Neste texto relato a experiência que a Rede Um Grito pela Vida vem realizando no Amazonas. Traduzir uma prática tão rica é um desafio, pois nem sempre se consegue colocar no papel o que se vivencia: são momentos intensos e cheios de sentimentos que muitas vezes escapam das grafias estabelecidas.

Ao pisar no chão dessas realidades nos deparamos com diversas situações: desaparecimentos frequentes de crianças e adolescentes, alto índice de exploração sexual, pedofilia, gravidez precoce, turismo sexual, drogadição, pandemia alcoólica, trabalho degradante, escravidão, narcotráfico, que

* **Roselei Bertoldo**, Irmã do Imaculado Coração de Maria, é pedagoga e educadora social, além de articuladora da Rede Um Grito Pela Vida, Regional Manaus/Roraima. **Endereço da autora:** Rua Alexandre Amorin, 412, Bairro Aparecida, CEP 69910-300, Manaus-AM. **E-mail:** roseleibertoldo@gmail.com. **Tels.:** (92) 92090857 / (92) 33420483.

reafirmam sempre mais a necessidade de tornar visível o problema do tráfico de pessoas nestas regiões que são distantes de tantos olhares.

Ao visibilizar a problemática do tráfico de pessoas nas fronteiras, nos deparamos com realidades bem específicas, em que o rosto indígena predomina. Meninas são aliciadas para a exploração sexual e entram no ciclo da exploração, junto com suas famílias, pelo contexto de pobreza que se agrava com a falta de oportunidade de trabalho. Nas embarcações, feiras, portos, nas pequenas e grandes cidades, é visível o trabalho infantil e a exploração das adolescentes.

Essa exploração tem seu início nas pequenas cidades, nos bairros e periferias da capital, ganhando maior proporção com as festas temáticas que acontecem em quase todos os municípios do Estado; contudo, vale salientar que as maiores rotas estão concentradas nas cidades de Barcelos, Parintins, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Iranduba, Altazes, São Gabriel da Cachoeira.

As festas temáticas têm sua beleza cultural, e os meios de comunicação, os patrocinadores e o próprio Estado se encarregam de mostrar essa cultura que vem do povo, mas, por outro lado, esconde uma face obscura da degradação da vida humana, em que crianças, adolescentes, mulheres, juvenis, homens são brutalmente violados em sua dignidade.

Na festa do Boi em Parintins, no ano de 2013, após um trabalho de sensibilização, na semana da festa, foram realizadas 30 denúncias. A beleza das fantasias, as danças, a disputa pela premiação dos bois deixam de lado os crimes que silenciam e tornam vítimas muitas pessoas. Por medo de denunciar, pela omissão das autoridades e pela impunidade dos criminosos, as pessoas ficam na invisibilidade, tornando essa prática naturalizada.

O Estado do Amazonas é lugar de origem, trânsito e destino de tráfico de pessoas. Existem muitas rotas¹ para o tráfico, internacional e interno, de onde saem mulheres para outros Estados brasileiros e países como Espanha, Alemanha, Holanda, Venezuela, Colômbia, Guiana Francesa e Suriname, onde são exploradas sexualmente na indústria do sexo.

1. Rotas são pontos de entrada e saída utilizadas para o aliciamento das pessoas traficadas.

Em geral os locais de origem das pessoas traficadas são as cidades do interior, as pequenas comunidades às margens dos rios e periferias das cidades. O trânsito acontece nas localidades de maior fluxo, em particular nas cidades das festas temáticas, onde a mobilidade humana é grande e os meios de transporte são facilitadores.

As chamadas fronteiras secas dos Estados do Amazonas e Roraima possibilitam o trânsito diário sem nenhuma fiscalização, fator que contribui para o crescimento do tráfico humano, principalmente de mulheres e adolescentes para fins de exploração sexual nos países vizinhos, bem como de mão de obra escrava e trabalho degradante.

Esse cenário revela significativa ausência do Estado na efetividade das políticas públicas que garantam o bem-estar da população. A inexistência de projetos de geração de renda e alternativas de emprego para as famílias e juventudes faz com que numa situação de vulnerabilidade se tornem presas fáceis para a rede do tráfico humano.

O Brasil é herdeiro de uma cultura política de colonização e dependência. Na região amazônica se percebe com mais força essa prática nos governos municipais, grupos políticos e empresários. O poder econômico/político é grande, gerando na população um ciclo vicioso de submissão e aceitação dos esquemas de opressão. No tocante ao tráfico de pessoas, muitos das lideranças políticas estão envolvidos.

Essa conjuntura se impõe como desafio ao enfrentamento ao tráfico humano, pois, apesar de ser uma realidade presente, há uma invisibilidade e um silêncio em torno do problema. As atividades da Rede têm sido para visibilizar esse crime e empoderar as pessoas, pela informação e formação da consciência.

2. Principais atividades realizadas

As comunidades eclesiais da região vêm reconhecendo a gravidade do problema e a consequente necessidade de agir para enfrentar o tráfico de pessoas. Em 2013 o núcleo da Rede Um Grito pela Vida iniciou suas atividades

e um processo de sensibilização, formação e articulação no enfrentamento ao tráfico de pessoas na região. Desenvolveram-se atividades em quatro dioceses: Alto Solimões, em Tabatinga; na região da tríplice fronteira Peru, Brasil e Colômbia; São Gabriel da Cachoeira, na Região do Rio Negro; Parintins e Manaus.

O foco das ações tem sido a articulação de forças e lideranças, em conjunto com instituições governamentais, sociedade civil, paróquias, comunidades, instituições religiosas, universidades e Vida Religiosa.

É grande o leque das atividades: encontros de formação e prevenção com grupos de jovens, crianças e adolescentes, mulheres e comunidades em geral. Na catequese, nos grupos de famílias, igrejas, áreas missionárias, unidades escolares, escola de fé e política da Arquidiocese de Manaus, em seminários universitários e outros.

Por meio dessas atividades e presenças, temos contribuído para que outras instituições pautem a temática do tráfico de pessoas em suas agendas. Sobretudo, a Universidade Federal do Amazonas, que tem demonstrado interesse em ampliar o estudo e a pesquisa do tema, através de projetos de extensão, nas regiões de fronteiras e cidades de maior índice de tráfico humano. Isso contribuirá para a construção de um banco de dados estatísticos sobre a realidade amazônica.

Nesse processo de formação que vai se alargando pelo Estado, percebemos que a população sabe do problema, das

3, itan50.8(t)-23(a)-23.5

A capacitação de multiplicadores/as e as atividades de mobilização social têm sido meta permanente do trabalho da Rede, através de encontros, cursos de formação de lideranças; participação em caminhadas da paz e mobilizações diversas, como 8 de março, Dia Internacional da Mulher, e de 18 de maio, Dia de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes; e participação em programas de Rádio e TV.

Outra inserção e desafio do grupo tem sido a participação e articulação política, pois a construção de políticas públicas é condição para o enfrentamento do tráfico de pessoas. A Rede participa ativamente dos espaços onde se discutem e definem as políticas públicas. Um deles é o Comitê de enfrentamento ao tráfico de pessoas, coordenado pela SEJUS,² com acento permanente, onde, além de articularmos forças junto aos diversos órgãos públicos municipais, estaduais e federal, está sendo construído o plano estadual de enfrentamento ao tráfico de pessoas no Amazonas. Junto a estes órgãos realizamos o encaminhamento e monitoramos os casos de pessoas traficadas que tomamos conhecimento.

Faz parte ainda da Rede de articulação que tecemos e participamos: a participação no Comitê Pró-Copa, Fórum Estadual de Mulheres, o trabalho em conjunto com as demais pastorais e organismos eclesiais; o Conselho Arquidiocesano de Pastoral, as Pastorais Sociais da Arquidiocese, as Equipes arquidiocesanas da Campanha da Fraternidade, Mobilidade Humana, Pastoral do Migrante, da articulação da Semana Social Brasileira.

Ações que nos interpelam no chão amazônico

As viagens pelas distantes fronteiras das terras amazônicas foram sinalizadoras de grandes interpelações para o enfrentamento das diversas formas de violências e violações de direitos, dentre elas o tráfico humano para fins de exploração sexual.

A primeira experiência foi a ida para a tríplice Fronteira Brasil, Peru e Colômbia: em Iquitos, no Peru; em Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, no Brasil; em

2. Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado do AM.

Letícia, na Colômbia. Lá articulamos lideranças, Universidade e outras instituições dos três países para a realização de um seminário no segundo semestre. Deparamo-nos com a triste realidade do tráfico de pessoas que tem forte incidência na exploração sexual. De um lado, marcada pela invisibilidade por parte da grande maioria da população; por outro, conhecida e legitimada pelas famílias, comunidades que silenciam diante de tal realidade. Deparamo-nos com casos concretos, em que as mães levam as filhas para serem exploradas sexualmente nos flutuantes. Fatos justificados, diante das tantas situações de pobreza e falta de alternativas de sobrevivência. As pessoas acabam considerando normal essa situação, contribuindo pelo silêncio com a perpetuidade da situação.

Outra itinerância foi para São Gabriel da Cachoeira, região onde 95% são povos indígenas. Região com um alto índice de exploração sexual, pedofilia e tráfico de meninas indígenas. Contamos com a contribuição de Dom Edson Damian, que acolheu o grupo e organizou a agenda de trabalho na linha da sensibilização, formação e prevenção. Realizaram-se atividades junto a lideranças, juventudes e adolescentes nas escolas, comunidades, instituições. Após o trabalho na cidade de São Gabriel da Cachoeira, seguimos descendo o Rio Negro nas duas cidades de referência da Diocese, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos, que são cidades turísticas e rotas do tráfico.

Nesta região foram visíveis as tantas formas de exploração. Destacamos a exploração sexual de crianças e adolescentes e a escravidão das famílias que tem bolsa-família ou dos idosos que recebem suas aposentadorias. Os cartões bancários são retidos pelos comerciantes, ficando reféns da compra da cesta básica em seus estabelecimentos. As famílias, sobretudo do interior, que viajam horas, dias, em suas pequenas canoas, vêm à cidade e “não encontram” dinheiro nos caixas das casas bancárias ou loterias e se veem reféns dos comerciantes, que se oferecem para retirar seu dinheiro em troca da mercadoria.

Na sequência das viagens, o grupo da Rede Um Grito pela Vida foi para Parintins e Manacapuru, por ocasião da

feira do Boi e das cirandas, respectivamente. Participamos em parceria com a Secretaria de Assistência Social do Estado do Amazonas, onde foi realizado um processo de sensibilização e combate à exploração sexual e ao tráfico de pessoas, através de encontros de formação com lideranças locais e distribuição de material educativo nas festas.

Contribuição deixada nesses espaços de missão

O enfrentamento ao tráfico de pessoas é um processo lento e exige estratégias permanentes de sensibilização que envolvam todos os grupos e lideranças eclesiais, principalmente padres, bispos, religiosas e religiosos.

A Igreja da Amazônia é comprometida com a defesa e promoção da vida. De portas abertas nos acolheu, escutou e com sensibilidade à causa decidiu contribuir no enfrentamento ao tráfico de pessoas. Encontramos pessoas dispostas a tecer redes, a atuar em parceria, oferecendo espaços, contribuindo com a produção de materiais de divulgação.

A vivência destes anos nos mostrou que o primeiro momento nem sempre é fácil para alguns entenderem o problema do tráfico de pessoas, mas, com as atividades de sensibilização, vão se identificando e se apropriando da problemática, trazendo histórias concretas, experiências vivenciadas, situações familiares. Por isso reafirmamos a importância deste trabalho nos diversos espaços onde estamos inseridas, pois somente as pessoas conscientes e empoderadas são capazes de contribuir no processo de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Andar pelas cidades no Estado fazendo este trabalho de prevenção nos permitiu adentrar a outras problemáticas que estão intrinsecamente ligadas às realidades de exploração do ser humano. Deparamo-nos com outras escravidões, como já citei, a retenção dos cartões de bolsa-família e da aposentadoria por parte dos comerciantes que tutelam, roubam e tornam as famílias dependentes e enriquecem à custa delas. O problema crescente do alcoolismo, das drogas ilícitas, do narcotráfico, dos grandes projetos que matam todas as formas de vida da natureza.

Nossa missão enquanto Rede, de modo especial da Vida Religiosa Consagrada, neste chão amazônico, tem sido de esperança, onde somamos força e contribuimos rompendo com o grito silenciado de muitas pessoas que, aos poucos, vão tomando consciência, descobrem a força para romper a rede de aliciamento que tira a liberdade e a dignidade de muitos.

JMJ no Rio: aspectos marcantes*

FREI RUBENS NUNES DA MOTA, OFMCAP**

Nos escritos anteriores sobre a JMJ¹ foram abordadas questões ligadas à história e ao impacto deste evento em nosso país e na VR. Neste breve artigo trago a experiência pessoal que tive durante a Jornada, bem como algumas pistas que emergiram do Encontro Nacional pós-JMJ para a Revitalização da Pastoral Juvenil promovido pela Comissão Episcopal para Juventude da CNBB.

Primeiras impressões

Cheguei ao Rio antes da Jornada para tomar conhecimento da organização geral do evento. Foi um desafio enorme me envolver em dois grandes eventos tão próximos, visto que estive totalmente envolvido na XXIII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional na semana anterior.

Logo no sábado (20/07), eu e o Oscar (representante da CLAR e da revista *Vida Nueva*) fomos visitar a Comissão Organizadora da JMJ (COL). Foi marcante perceber a correria e o cansaço dos muitos membros voluntários que, às vésperas da Jornada, ainda acertavam tantos detalhes. Conversamos longamente sobre os acertos e complicações vivenciados ao longo dos dois anos de preparação. Um dos desafios partilhados foi a pouca perseverança dos membros locais na equipe. Fica o questionamento sobre as motivações que levaram esses jovens à não permanência: foram demandas da vida pessoal e profissional ou foi a forma de condução do processo e das relações internas?

Outra forte impressão foi diante das longas filas para pegar o *kit* (mochila, livro do peregrino, cartão para transporte...).

* Estimados leitores e leitoras, este texto “JMJ no Rio: aspectos marcantes” deveria ter sido publicado na *Convergência* de outubro 2013. Por equívoco, na *Convergência* citada foi publicado o texto “Vida Religiosa na JMJ”, que é recorte de alguns parágrafos do texto “Vida Religiosa e Jornada Mundial da Juventude: perspectivas e desafios” do mesmo autor publicado na *Convergência* de julho/agosto. Pelo equívoco, desculpamo-nos com o autor Frei Rubens e com os leitores e leitoras.

** **Frei Rubens Nunes da Mota** é Religioso da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Assessorou por cinco anos o Setor Juventudes da CRB Nacional. É bacharel em

Já havia passado pela experiência da 27ª JMJ em Madri e a sensação é de que pouco se aprendeu com o tumulto que foi ocasionado com a concentração da distribuição em poucos lugares. A distribuição em apenas dois locais fez com que pessoas esperassem de 3 a 5 horas nas filas. Experiência de mais tempo nas filas vivenciou quem foi buscar o *kit* vigília (alimento para passar a noite na vigília).

Para não me alongar demais neste ponto sobre as impressões iniciais, trago presente a chegada do Papa Francisco ao Rio de Janeiro como um dos pontos mais impactantes. É comum que o Papa chegue quinta-feira, no meio da semana, para início das celebrações da JMJ. Essa foi a experiência vivenciada em Madri, por exemplo. O Papa Francisco não só antecipou sua vinda, como também agendou uma série de eventos para todos os dias. Mostrou-se um pastor incansável que desejava estar com seu rebanho jovem. Foram várias reuniões, celebrações e visitas, inclusive ao santuário nacional, revigorando diversas dimensões da Fé Católica.

A JMJ e o Papa

A JMJ foi um evento criado por João Paulo II para ser o encontro dos jovens com o Papa, e essa tônica é marcante ao ouvirmos os refrãos: *esta es la juventud del Papa*. Mesmo sendo uma centralidade na Jornada, o Papa Francisco manteve em suas homilias e nos pronunciamentos um conteúdo que conduzia à centralidade – Jesus Cristo.

Confesso que participar de muitas atividades dentro da Jornada foi um tanto cansativo, a ponto de me levar a selecionar alguns *em detrimento de outros*. Contudo, foi incansável ouvir os pronunciamentos do Papa Francisco. Percebi um pastor atento ao seu rebanho, cuidando da coerência interna capaz de levar a um testemunho externo. Vi um cidadão atento às questões sociais, capaz de chamar os representantes sociais para a responsabilidade como “ministros” eleitos para gerir a sociedade. Vou destacar, a seguir, alguns desses temas que mais me chamaram a atenção.

Teologia, graduado em Psicologia, especialista em Terapia Sistêmica e mestre em Psicologia. Além de autor de alguns livros, entre eles: *Juventudes e Trajetória Social: o crack como sinalizador do contexto*; *Juventudes: o exercício de aproximação*.

1. História da JMJ (jul./ago. 2012); a VR na JMJ (jul./ago. 2013).

Temas marcantes

É difícil selecionar temas diante da tamanha impressão que tive em relação a todos os pronunciamentos do Papa Francisco. Seu reconhecimento e memória de Bento XVI mostraram o respeito e unidade eclesial. A memória feita do acidente com jovens da Guiana Francesa que viriam para a JMJ e dos jovens que morreram em Santa Maria, RS, revelaram uma sensibilidade e conexão situacional que arrancava aplausos. A maneira coloquial de se expressar (“bote fé no jovem...”; “colocar mais água no feijão...”) tornava suas mensagens fáceis de compreender e agradáveis de escutar. Mas, diante de tantos temas marcantes, escolherei dois para partilhar: a fé e o protagonismo juvenil.

Como já disse, mesmo sendo colocado como centro na JMJ, o Papa Francisco deslocou essa centralidade para o seguimento de Jesus. Não um Jesus da teologia da retribuição e prosperidade, mas o Jesus da Cruz e da compaixão: “Ninguém toca a cruz de Jesus sem deixar suas marcas”,² interpelando os jovens diante da experiência de peregrinação da cruz pelo Brasil por dois anos durante o “Bote Fé” em preparação da JMJ. Refletiu sobre o sofrimento de Jesus na cruz e diante de nossas incoerências sem deixar um clima depreciativo; ao contrário, ofereceu uma pedagogia para alimentar a caminhada da fé: vivência na oração, dos sacramentos e ajuda aos demais.

Clamando para a intimidade com Jesus através da oração: “Por favor, deixem que Cristo e a sua Palavra entrem na vida de vocês, e nela possa germinar e crescer”.³ Sendo pedagógico para que as juventudes ali presentes pudessem compreender como chegar a essa intimidade, disse: “Jesus, porém, nos pede que treinemos para estar ‘em forma’, para enfrentar, sem medo, todas as situações da vida, testemunhando a nossa fé. Como? Através do diálogo com Ele: a oração, que é diálogo diário com Deus que sempre nos escuta”.⁴ Incentivou para a oração como diálogo e intimidade: “Jovens, sempre falem com Jesus, o que acontece, de bom e de ruim, mas sempre falem com Ele”.

2. Reflexão da via-sacra, 26.

3. Reflexão na vigília, 27.

4. Ibidem.

Longe de uma intimidade intimista, Francisco disse que devemos ter uma relação fraterna, de irmãos, na Igreja, e uma relação com Jesus que deve levar ao protagonismo missionário: “Fazemos parte de uma família de irmãos que percorrem o mesmo caminho; somos parte da Igreja; mais ainda, tornamo-nos construtores da Igreja e protagonistas da história”.⁵ Vivemos como irmãos e irmãs com reconhecimento e protagonismo.

O incentivo ao protagonismo juvenil não foi somente no âmbito eclesial, mas também social: “Acompanhei atentamente as notícias a respeito de muitos jovens que, em tantas partes do mundo, saíram pelas ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Mas fica a pergunta: Por onde começar? Quais são os critérios para a construção de uma sociedade mais justa? Quando perguntaram a Madre Teresa de Calcutá o que devia mudar na Igreja, ela respondeu: você e eu!”⁶ conclui o Papa Francisco, convocando a todos/as para o testemunho de vida.

Eventos marcantes

Todos os eventos de que o Papa Francisco participou foram marcantes para mim, pois expressaram sua intencionalidade em um modelo de Igreja: simples e coerente. Mesmo no encontro com os civis e governantes deu seu recado, convocando para igual coerência: “Quem é ungido, como guia, deve ter objetivos concretos e constância para descobrir novos caminhos”.⁷ Nesse mesmo encontro elogiou a laicidade do Estado como espaço de diálogo com a diversidade religiosa e clamou pela humildade social capaz de proporcionar o diálogo e respeito com o diferente.

Um dos eventos que mais marcou minha rotina foi a Feira Vocacional onde a CRB Nacional mantinha dois estandes. Um estande foi dedicado à exposição dos trabalhos sobre Juventudes, que acontecem nas vinte Regionais do Brasil. O outro foi disponibilizado para as Congregações que não puderam pagar sozinhas ou não conseguiram um estande. A feira foi muito visitada, tornando-se um espaço de diálogo

5. Ibidem.

6. Ibidem.

7. Ibidem.

e discernimento vocacional. Coloco na mesma sequência os seguintes eventos marcantes para mim nesta JMJ: a acolhida oficial do Papa na quinta-feira e suas palavras de ânimo que empolgaram os jovens; a via-sacra, com suas belas encenações e as tão bem contextualizadas adaptações às vidas das Juventudes; a vigília orante e a Missa de envio com a multidão de fiéis, tendo, ao seu final, o anúncio da próxima Jornada que será em Cracóvia, Polônia, em 2016. A motivação para a escolha foi uma homenagem ao criador das Jornadas Mundiais da Juventude, o Beato João Paulo II.

Pós-JMJ

A Comissão Episcopal de Juventude promoveu um grande encontro pós-JMJ dos dias 11 a 15 de dezembro de 2013 para discutir sobre a continuidade do ânimo despertado pela Jornada. Foram mais de 400 assessores(as) e lideranças juvenis reunidos(as) em Brasília para discutir linhas de ações que pudessem assegurar a continuidade do impulso à caminhada juvenil diante do clima empolgante da JMJ.

A metodologia do encontro foi confiada para uma experiente equipe que ajudou na verticalização do Documento 85 e das demais sugestões emergidas da experiência na JMJ, ou seja, tornando possível sua aplicabilidade nos regionais, congregações e movimentos. As reuniões por especificidade, privilegiando as realidades regionais e grupais, proporcionaram a elaboração de pistas capazes de iluminar os grupos específicos presentes no encontro (movimentos e pastorais), bem como a Vida Religiosa Consagrada. Vejamos algumas destas pistas.

Ações sobre a formação integral

1. Que a comissão episcopal acompanhe a rede de institutos existentes, elegendo um instituto por região (escola para assessores e juventudes).
2. Aproximar a comissão episcopal com a comissão da catequese, bem como as demais instâncias que trabalham com Juventudes em vista da formação e acompanhamento dos adolescentes.

3. Investir em subsídios para os grupos de base que possam ser disponibilizados virtualmente (escritos, audiovisuais..., salas virtuais para troca de experiência), com temas: nucleação e projeto de vida em vista da formação integral.

Temas comuns dos grupos que trabalharam a formação integral

1. Investir na formação integral, articulando a rede de institutos e demais experiências.
2. Aproximar e ligar a Pastoral Juvenil à Catequese em vista da formação integral.

Linhas assumidas pela Vida Religiosa

1. Participar do setor juventude em vista de uma maior contribuição para articulação do mesmo.
2. Assumir uma postura missionária em vista da vida das Juventudes.
3. Incentivar e disponibilizar assessores para trabalhar com juventudes.
4. Na linha da espiritualidade: responsabilidade em transmitir o carisma visando à intimidade do Jovem com Jesus.

Considerações finais e despedida

Retomo o que já havia refletido no artigo publicado em julho de 2013,⁸ quando retratei a preocupação sobre a continuidade do que foi despertado na JMJ. Testemunhamos que muitos jovens aprofundaram o senso de pertença à Igreja e um despertar da Fé para alguns que estavam adormecidos. A grande questão que fica diz respeito às bases (Congregações, Dioceses, Paróquias, comunidades) onde estes jovens irão buscar a continuidade para alimentar esta chama despertada. Será que conseguiremos proporcionar espaços de acolhida e acompanhamento capazes de sustentar o ânimo despertado nos jovens? Será que obedeceremos ao apelo do Papa, quando afirmou que “os jovens têm que ser escutados e a eles deve ser oferecida a área VIP da Igreja?”⁹ Lembremos que o

8. JMJ e VR (jul./ago. 2013).

9. Missa para os padres e religiosos/as na Catedral, 27.

próprio Papa Francisco pediu aos padres e demais lideranças religiosas que acolhessem e dessem mais espaço para as Juventudes, acompanhando e incentivando seu protagonismo. Que estes apelos cheguem até cada congregação e instituto religioso, despertando para a aproximação e o acompanhamento das Juventudes.

Termino este breve artigo agradecendo por estes quase cinco anos na assessoria executiva da CRB Nacional. Em 2008 recebi o convite oficial da Irmã Márian Ambrosio, IDP, para compor a equipe de assessoria, criando um novo setor, JUVENTUDES. Naquele mesmo ano iniciei a articulação do trabalho em nível nacional, porém, ainda não liberado pela minha Província, por estar como formador do Juniorato. Em janeiro de 2009 fui morar em Brasília já como assessor liberado. Agradeço à Irmã Márian, à Diretoria Nacional, à Equipe de Assessoria Nacional (AEN) e a todas as Regionais da CRB e demais religiosas e religiosos que contribuíram neste belo e desafiador serviço. Continuo a missão, não mais liberado, mas em prontidão, diante do ministério junto às Juventudes.

Nota da CRB Nacional pela passagem de Padre Libanio

Ao tomar conhecimento da morte do religioso jesuíta, Pe. João Batista Libanio, o presidente da CRB Nacional manifestou as condolências aos jesuítas e amigos do Pe. Libanio, em nome da Conferência:

Padre Libanio, descanse em paz!

Na ponte rumo à eternidade, estamos todos/as a caminho, e por isto suplicamos: “Permanece conosco, Senhor!”.

Em nossa passagem por este mundo todos/as somos chamados/as a lançar sementes de esperança, de justiça, de verdade, amor e paz.

Padre João Batista Libanio, falecido hoje, 30 de janeiro de 2014, em Curitiba (PR), é sem dúvida um daqueles que soube lançar a boa semente, que soube cultivar o jardim da existência e deixou este mundo melhor com a sua passagem por aqui.

A CRB Nacional se une a todos/as aqueles/as que em uníssono louvam a Deus pelo dom e graça que foi a vida de Padre Libanio. E, neste ano, quando celebramos os 60 anos da CRB, temos, realmente, que agradecer a Deus por tudo o que Padre Libanio representou e foi para a Vida Religiosa Consagrada. Reconhecemos a presença significativa deste nosso irmão na história e na missão que assumimos. Tantos/as de nós o conhecemos pessoalmente, através de encontros, palestras, aulas nas faculdades, palavras, gestos e atitudes, assim como através de seus livros, textos na Revista Convergência e assessorias prestadas.

Aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus manifestamos nossos sentimentos e nossa gratidão, bem como nossa esperança e fé na misericórdia divina, que acolhe o filho que retorna em definitivo à Casa do Pai.

Já que a vida é uma passagem, lancemos sementes do bem, do belo e da verdade.

IRMÃO PAULO PETRY, fsc
Presidente Nacional da CRB

Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* do Papa Francisco

J. B. LIBANIO*

Oficialmente, a Encíclica *Lumen dei* veio assinada pelo Papa Francisco; ele mesmo nos informa que o texto já tinha sido redigido grandemente pelo seu antecessor. Por isso, a atual Exortação Apostólica constitui o primeiro texto maior da lavra do atual Papa. Vale, pois, debruçar-nos sobre ele para captarmos as linhas de forças do novo Pontificado. O próprio documento diz expressamente que se trata de convite aos fiéis cristãos para nova etapa evangelizadora e da indicação de “caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”. Os dois objetivos revelam a natureza exortativa e programática da Exortação.

A presente reflexão se orienta em três direções. Buscaremos identificar a experiência fundamental de Deus que preside todo o texto pontifício. Em seguida, que tipo de Igreja ele desenha e finalmente pontos concretos da necessária conversão pastoral.

I. Experiência fundante de Deus

Desde os primeiros gestos e alocuções, o Papa Francisco fez questão de passar para os ouvintes a ideia reconfortante de Deus e a consequência que pode e deve produzir em nós.

Ao ter vivido na América Latina, terá percebido que a mentalidade tanto de fiéis como de pregadores populares forjava uma imagem de Deus distante e não raro ameaçador. Assumiu então como tarefa evangelizadora corrigir tal compreensão e veicular experiência de Deus bem diferente. Três traços marcam a experiência de Deus: o perdão, o amor e a alegria em inseparável conexão.

* O Pe. Libanio enviou este artigo à CRB em 3 de dezembro de 2013. Deus o chamou em 30 de janeiro de 2014. Com honra publicamos em primeira mão o artigo póstumo. A gratidão da CRB ao Pe. Libanio pelos inúmeros artigos publicados na Convergência e pela colaboração na Equipe de Reflexão Teológica a partir de 1971, quando foi criada

Deus do perdão

Bem no início, recorda-nos a frase que repetira várias vezes ao longo dos poucos meses de pontificado. “Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar ‘setenta vezes sete’ (Mt 18, 22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete” (Papa Francisco, n. 3).

O perdão devolve-nos a dignidade perdida pelo pecado, pelos desvios, pela miséria. “Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere”, permitindo-nos andar com a cabeça levantada (Papa Francisco, n. 3).

O amor perdoante de Deus em nós pede-nos que, mesmo em situações de sofrimento pelas divisões antigas entre nós, ofereçamos perdão e reconciliação. Torna-nos difícil evangelizar a outros quando ainda mantemos “formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas” (Papa Francisco, n. 100). A todos devem chegar a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misteriosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas (Papa Francisco, n. 44). Assim, se alguém quiser seguir moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza dum porta fechada (Papa Francisco, n. 47).

A doce alegria do amor de Deus

Prosseguindo a verdadeira catequese mistagógica do coração de Deus, o Papa Francisco apresenta como grande risco do mundo atual fechar a vida interior das pessoas nos próprios interesses e impossibilitar escutar a voz de Deus. Deus está a falar-nos sempre para que gozemos da “doce alegria do seu amor”. Se nos tornamos “pessoas ressentidas, queixosas, sem vida”, não respondemos ao plano de Deus. Ele quer para nós “vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado” (Papa Francisco, n. 2). Ele une dois temas queridos: amor e alegria.

Nessa perspectiva, trabalha vários textos da Escritura em que o amor de Deus redundava em alegria. Basta recordar a bela citação de Sofonias que nos mostra o próprio Deus como um centro irradiante de festa e de alegria, que quer comunicar ao seu povo este júbilo salvífico: “O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa” (Sf 3,17).

No Novo Testamento, o Evangelho da infância vem carregado de saudações e mensagens de alegria (Lc 1,28.41.47). Jesus próprio reflete a experiência de encher-se de alegria no começo de sua missão evangelizadora: “Esta é a minha alegria! E tornou-se completa!” (Papa Francisco, n. 5). Os Atos dos Apóstolos mostram como os apóstolos irradiaram alegria (At 2,46; 8,8; 13,52). E o Papa levanta a pergunta retórica: “Por que não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?” (Papa Francisco, n. 5).

Jesus: revelador máximo do amor de Deus

Naturalmente, o máximo do amor de Deus revela-se na pessoa, vida e ensinamentos do Filho Jesus Cristo. Deste amor, ele reconhece, vêm as maiores alegrias que se manifestam concretamente nos muito pobres e nos profissionais comprometidos que “souberam conservar um coração cren-te, generoso e simples” (Papa Francisco, n. 7). No fundo, dá-se “encontro ou reencontro com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz”. Destarte, “somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade” e assim “chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro” (Papa Francisco, n. 8).

O amor misericordioso de Deus e a saída de nós

O amor de Deus manifesta-se especialmente na forma de misericórdia. Cita Santo Tomás que nos ensina que é próprio de Deus usar de misericórdia e é, sobretudo, nisto que se manifesta a sua onipotência (Papa Francisco, n. 37).

O Papa insiste na atitude de amor, de misericórdia, de proximidade de Deus e chama a atenção para a necessidade de ter olhos a fim de percebê-lo em nós e na realidade. Faz-se sinal de sua presença o fato de o reconhecermos nos outros, e de sairmos de nós mesmos para procurar o bem de todos (Papa Francisco, n. 39). Com olhar contemplativo de fé, descobrimo-lo nas casas, nas ruas, nas praças. Ele aparece na busca sincera de indivíduos e de grupos de apoio e sentido para a vida. Vive entre os cidadãos que promovem a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. É questão de percebê-lo. Ele não se esconde dos que o buscam, mesmo às apalpadelas, com coração sincero (Papa Francisco, n. 71).

A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (Papa Francisco, n. 88).

Em sentido contrário, não percebemos a Deus quando nos isolamos, nos prendemos ao imanentismo, à falsa autonomia ou a uma forma de religião feita à medida consumista do próprio individualismo doentio (Papa Francisco, n. 89). Valoriza a religiosidade popular arraigada na fé e cultura cristã popular porque ela alimenta relações com os outros e não fugas individualistas (Papa Francisco, 2013, n. 90). Continuamente o Papa bate na tecla de que a autenticidade das formas religiosas se mede pela “relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros” (Papa Francisco, 2013, n. 91). Rejeita o que ele chama de “mundanismo espiritual”, que consiste em buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal (Papa Francisco, 2013, n. 93).

Resumindo, só experimentamos o verdadeiro Deus da revelação cristã quando estabelecemos o duplo vínculo: com a própria pessoa divina e com os irmãos, sobretudo, os pobres e afastados.

II. A concepção de Igreja

À luz da concepção de Deus, o Papa mantém a dialética da Igreja com que ele sonha e a que vê na realidade na dupla face de graça e pecado.

Três ideias centrais sobre a Igreja atravessam o texto. A Igreja do projeto de Deus, a Igreja no concreto marcada pela ambiguidade e os caminhos para aproximar-se do plano divino. Em outras palavras, o coração da Igreja de Jesus bate em função de três movimentos: confiança em Deus como fonte última de tudo o que ela é, ser missionária em contínua saída de si mesma em direção aos outros, sobretudo os pobres e afastados, e estar em permanente processo de conversão toda vez que percebe afastar-se do caminho de Deus. Nessa parte nos restringiremos aos dois primeiros pontos. Os caminhos da pastoral merecem ampla abordagem que constituirá a terceira parte do artigo.

Projeto de Deus

O Papa revela no texto enorme confiança em Deus e irradia-a para que não consideremos a missão da Igreja como tarefa heroica pessoal, pois ela é, primariamente e acima de tudo, obra de Deus. Colaboramos com ele na força do Espírito. Na evangelização, o primado pertence sempre a Deus. “Jesus é o primeiro e o maior evangelizador” (Papa Francisco, n. 12). Impressiona como ele acentua a primazia de Deus, para que o cristão e a Igreja mantenham a alegria em tarefa tão exigente e desafiadora.

A Igreja não cessa de maravilhar-se com a grandeza, a “profundidade de riqueza, de sabedoria e de ciência de Deus” (Rm 11,33). Deus a visita, a habita, a anima, lhe dá vida (Papa Francisco, n. 11). Interpreta S. João, que afirma o primado do amor de Deus (1Jo 4,19), respeito à relação da Igreja com Deus. Em toda a vida da Igreja, deve-se sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, que só ele a faz crescer (1Cor 3,7). Chama a Eucaristia, o imenso dom de Jesus, de “memória cotidiana da Igreja” (Papa Francisco, 2013, n. 13).

Igreja missionária em saída de si

O Papa articula com o primado de Deus na Igreja a necessidade de ela sair de si. Pois o primado de Deus aparece, sobretudo, no fato de estar ele primeiro a provocá-la com sua palavra ao dinamismo de ‘saída’, deixando a própria comodidade e tendo a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (Papa Francisco, n. 20). A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração” (Papa Francisco, n. 14).

Em outras palavras, a natureza da Igreja não se define na construção de estruturas, na salvaguarda institucional, mas na condição missionária, evangelizadora. O Papa chama-a de “tarefa primária” e representa para ela o maior desafio (Papa Francisco, n. 15). Nisso a Igreja obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Papa Francisco, n. 19).

Para explicitar a vocação missionária da Igreja, o texto da Exortação passeia pela tradição bíblica, acenando aos exemplos de Moisés (Ex 3,10), de Jeremias (Jr 1,7), dos apóstolos. O Papa acrescenta um pormenor, tão próprio dele, de frisar a alegria, o gozo que envolve os evangelizadores, já desde o primeiro envio (Lc 10,17).

Para traduzir a “Igreja em saída”, a Exortação recorre à expressão querida da Conferência de Aparecida e acrescenta cinco verbos que bem lhe traduzem o espírito: “A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa!” (Papa Francisco, n. 24).

Recorda Paulo VI que insiste na necessidade de a Igreja “aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério” (Papa Francisco, n. 26).

O Papa Francisco expressa seu sonho para a Igreja ideal no sentido missionário: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os

estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (Papa Francisco, n. 27). Passagem expressiva em que se relativizam os aspectos formais, institucionais, autoconservadores, em função da evangelização do mundo. Isso implica que a Igreja “na pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída” (Papa Francisco, n. 27). Completa a ideia com uma afirmação de João Paulo II: “Toda renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial” (Papa Francisco, n. 27).

Com elã missionário, a Exortação pensa uma Igreja que cria comunhão dinâmica, aberta, dialogal (Papa Francisco, n. 31), porque tem as portas abertas e sai em direção às periferias humanas, como verdadeira mãe de coração aberto (Papa Francisco, n. 46).

Conversão na concepção de Igreja

Na linha do Concílio Vaticano II, o Papa pensa a conversão eclesial em dois níveis. Em nível amplo, implica mudança na compreensão da própria Igreja. Em nível já concreto, apresenta orientações para determinados aspectos da vida pastoral da Igreja.

Antes de tudo, chama a atenção para situar a Igreja na história, como realidade querida por Deus e guiada pelo Espírito Santo, mas, ao mesmo tempo, conduzida por homens e mulheres frágeis, pecadores que a cercam de estruturas imperfeitas. Como instituição humana e terrena, necessita perpetuamente de reforma e conversão. E o Papa empenha-se precisamente nessa tarefa para que a Igreja demonstre “maior fidelidade à própria vocação”. As estruturas eclesiais condicionam o dinamismo evangelizador positiva ou negativamente, conforme respondam mais ou menos à vocação primeira de evangelizar (Papa Francisco, n. 26). Assim, p. ex., vê na centralização excessiva um empecilho que “complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária” (Papa Francisco, n. 32).

A Igreja está a carecer de liberdade e criatividade para repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. O limite advém de negligenciar condigna busca comunitária dos meios para pensar de maneira nova a evangelização e de prender-se a aspectos puramente institucionais (Papa Francisco, n. 33).

Outro aspecto ambíguo consiste em a Igreja restringir-se ao âmbito privado e íntimo, esquecendo a dimensão transcendente e social, caindo então em certo relativismo. Toca conjugar equilibradamente a existência de normas morais objetivas, válidas para todos, e a atual valorização dos direitos absolutos dos indivíduos, sem se perder num dos polos por meio de educação crítica e madura (Papa Francisco, n. 64).

Em face dos desafios da inculturação, cabe reconhecer a autenticidade da vida de fé no substrato cristão de certos povos. Mas isso pede também fomentar o crescimento que pede maturação e purificação de debilidades existentes como: “o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas ou supersticiosas que levam a recorrer à bruxaria etc.” (Papa Francisco, n. 69). A piedade popular tem por onde processar tal tarefa. Mas implica pedagógica vigilância para evitar o desconhecimento da dimensão social e da formação dos fiéis. Na transmissão geracional da fé cristã no povo católico tem havido rupturas, desafeição e desencantamento com a tradição recebida. O Papa aponta várias causas de tal fenômeno: “a falta de espaços de diálogo familiar, a influência dos meios de comunicação, o subjetivismo relativista, o consumismo desenfreado que o mercado incentiva, a falta de cuidado pastoral pelos mais pobres, a inexistência de um acolhimento cordial nas nossas instituições, e a dificuldade que sentimos em recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista” (Papa Francisco, 2013, n. 70). Por parte da Igreja, ele alude ao descuido com os pobres, à falta de acolhimento e de gerar novo tipo de adesão mística.

III. *Conversão pastoral (práxis)*

Os dois itens anteriores teceram o quadro contra o qual o agir da Igreja precisa ser repensado. O Papa usa a forte expressão de “pastoral em conversão” ou “conversão pastoral”. Ele a usara antes, quando se dirigira aos Bispos do CELAM (Papa Francisco, n. 72). “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’” (Papa Francisco, n. 25).

Destinatários da evangelização

Ele encara na evangelização três destinatários diferentes. Em primeiro lugar, volta-se para os fiéis que frequentam regularmente a comunidade. Chamamo-los de católico praticante. Encontramo-los nas celebrações, participam das pastorais, frequentam os cursos. A vida eclesial pertence ao seu programa de vida.

Outro grupo entrou na Igreja pelas portas do Batismo, mas não assumiu os compromissos e exigências da vida eclesial. Pertencem à Igreja antes nominalmente que de fato. Não vivenciam a vida de fé, nem adentram nos mistérios da vida cristã. Só os encontraremos se os procurarmos. Os primeiros vêm a nós. A estes devemos ir para mostrar-lhes o significado concreto e real da pertença puramente verbal que têm.

Por fim, cresce o número daqueles que nunca foram evangelizados ou que rejeitaram a fé que um dia tiveram. Hoje se tornaram estranhos à fé cristã. Muitos deles, porém, estão a buscar secretamente a Deus, mesmo em países de tradição cristã, por saudades do seu rosto. Diante desses grupos, o Papa observa que todos têm o direito de receber o Evangelho (Papa Francisco, n. 14).

Alguns desafios do mundo atual

Por onde começar a evangelizar? O Papa Francisco, depois de defender a transformação missionária da Igreja, a necessidade de uma saída para o mundo e a conversão da

pastoral, enfrenta a realidade do mundo atual. Destarte, ele responde a um dos traços fundamentais da teologia da libertação, que, antes de debruçar-se sobre o anúncio do Evangelho, se pergunta em que e para que realidade social o fará.

O texto não se arroga nenhuma qualidade científica sociológica. “Não é função do Papa”, observa ele, “oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea”. Toca-lhe animar “todas as comunidades a ‘uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos’” (Papa Francisco, n. 51). No entanto, os pontos escolhidos para retratar a realidade revelam o coração do Papa e sua sensibilidade pastoral.

Assinala o contraste entre os avanços do bem-estar do mundo moderno e a maioria que vive precariamente o dia a dia. E na raiz está a economia da exclusão e da iniquidade que mata. Considera-se o ser humano, em si mesmo, como um bem de consumo com a conseqüente cultura do descarte. No coração de tal cultura, está o deus, o fetiche do dinheiro. Manifesta-se na desenfreada especulação financeira sem limites. Segue-se a rejeição da ética e de Deus, porque o dinheiro governa em lugar de servir. O Papa afirma peremptoriamente: “O dinheiro deve servir, e não governar!” (Papa Francisco, n. 58). E, ao voltar-se para o problema da violência, aponta a exclusão e a iniquidade do sistema como sua origem e raiz.

Em diversos parágrafos, aponta para os desafios culturais. A ladainha se alonga: ataques à liberdade religiosa, difusa indiferença relativista, desencanto, crise das ideologias, a afirmação da própria verdade subjetiva. Observa que “na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência” (Papa Francisco, n. 62). Mostra as duas faces religiosas do momento: surto de movimentos religiosos ambíguos e processo de secularização reduzindo a fé e a Igreja ao âmbito do privado e íntimo (Papa Francisco, n. 63-64).

O tecido social desafia a autêntica inculturação da fé. De um lado, deparamo-nos com o substrato cristão ainda vivo

em certas culturas. De outro lado, cabe evangelizar as culturas para nelas inculturar o Evangelho. Naturalmente, as culturas urbanas representam grave desafio. Elenca rapidamente os riscos das cidades: tráfico de drogas e pessoas, abuso e exploração de menores, abandono dos anciãos e enfermos, várias formas de corrupção e de crimes (Papa Francisco, n. 75).

Diante de tal realidade, assaltam os agentes de pastoral, tentações que lhes pedem um não rotundo à acídia egoísta que se manifesta na obsessão com o próprio tempo, na preservação ciosa da autonomia, na falta de motivação autêntica para as ações, em pragmatismo cinzento (n. 81-83). Prossegue o elenco do não ao pessimismo estéril, derrotista (Papa Francisco, n. 84-86), à mundanidade espiritual, às lutas internas da Igreja (Papa Francisco, n. 93-101). Os desafios estão a fomentar a presença e atuação dos leigos, da mulher, dos jovens na Igreja (102-109). À guisa de bálsamo em meio a tantos deles, o Papa espera dos agentes de pastoral um sim generoso em relação à pessoa de Jesus Cristo em contraste com a religiosidade fluida do momento (Papa Francisco, n. 87-92).

A Nova Evangelização

Em face de quadro tão questionador e instigante, a Exortação desce ao núcleo duro da Nova Evangelização. Até agora se descreveu, embora com largueza de vista, o quadro emoldurante. Estamos diante da Nova Evangelização na dupla realidade de anúncio do Evangelho e de dimensão social para no final perguntarmos brevemente pelos evangelizadores.

O Papa Francisco retoma afirmação central da *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI. Começa dizendo que Jesus Cristo foi “o primeiro e o maior dos evangelizadores” (Paulo VI, 1976, n. 7). Em seguida, vê a primeira comunidade evangelizadora daqueles que acolheram na fé a Boa-Nova de Jesus e se reuniram em nome de Jesus para buscar, edificar e viver o Reino (Paulo VI, 1976, n. 13). Avançando a reflexão, Paulo VI desvela na consciência da Igreja a obrigação de

evangelizar. E acrescenta explicitamente que “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (Paulo VI, 1976, n. 14).

Nessa mesma linha, o Papa Francisco ensina: “A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus” (Papa Francisco, n. 111). Mais: “O Cristianismo não dispõe de um único modelo cultural”, assume na história até hoje “o rosto das diversas culturas e dos vários povos” (Papa Francisco, n. 116). Aí está a importância da inculturação que vem sendo trabalhada intensamente pela teologia latino-americana (CNBB/CIM, 1986). O desafio consiste em manter a dialética da unidade na diversidade cultural. Um Cristianismo “monocultural e monocorde” não faz jus ao mistério da Encarnação (Papa Francisco, n. 117).

Dessa visão de Igreja decorrem consequências importantes que a Exortação explicita. Antes de tudo, todos somos discípulos missionários (Papa Francisco, n. 119-121), fazendo eco aos ensinamentos da Conferência de Aparecida, na qual o então cardeal Bergoglio desenvolveu papel importante. Ainda bem na perspectiva latino-americana frisa a “força evangelizadora da piedade popular” (Papa Francisco, n. 122-126). Outro tema querido do Papa que reflete a experiência pastoral de bispo na Argentina e de conhecimento da Igreja da América Latina. Transparece também a experiência pastoral, pessoal do antigo arcebispo de Buenos Aires a importância do “cara a cara” na evangelização. “Há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos” (Papa Francisco, n. 127).

A Palavra na Evangelização

Indo bem ao concreto, o Papa se detém longamente na importância da homilia, de sua preparação (Papa Francisco, n. 135-159). Texto que merece leitura atenta por parte

de todos que exercem o ministério da pregação. Durante muito tempo a pregação esteve principalmente entregue aos religiosos especializados. Os dominicanos levam precisamente o nome de “Ordem dos pregadores” e muitos diocesanos, sacerdotes e bispos, apenas pregavam. A reforma tridentina iniciou forte insistência nesse ministério. O movimento querigmático do entreguerras carregou as tintas, propugnando pelo ensino de uma teologia que fosse predicável, distinta da pura escolástica acadêmica. A teologia moderna insistiu na sua qualidade querigmática e pastoral, de modo que “toda boa teologia deve ser pastoral, predicável e toda pregação carece de boa teologia”. Matizando tais tendências, o Papa Francisco vem ao encontro das “muitas reclamações” às quais não se podem fechar os ouvidos (Papa Francisco, n. 135). A intuição central constata fato óbvio, mas que infelizmente nem sempre se percebe. A homilia se faz em benefício do povo no contexto da celebração e não para satisfazer vaidades e outros interesses pessoais do pregador, nem para sobrecarregar as pessoas com moralismos e doutrinação (Papa Francisco, n. 142). Por isso, cabe preparar bem a homilia, ouvir o povo para que as palavras façam os corações arder.

Dimensão social da Evangelização

Deter-se simplesmente na pregação parece pouco para o Papa Francisco. Acentua a dimensão social da evangelização, já que pertencem ao coração mesmo do Evangelho a vida comunitária e o compromisso com os outros (Papa Francisco, n. 177). Amplo campo de reflexão.

Deus confere dignidade infinita a cada ser humano. Existe íntima conexão entre evangelização e promoção humana (Papa Francisco, n. 178). “Os ensinamentos da Igreja acerca de situações contingentes estão sujeitos a maiores ou novos desenvolvimentos”. Caem sob discussão para que não se permaneçam em generalidades que não interpelam o ouvinte (Papa Francisco, n. 182). A religião não pode ficar restrita ao mundo da “intimidade secreta das pessoas” (Papa Francisco, n. 183). Recorda o ensinamento de Paulo VI no

sentido de deslocar também para as comunidades cristãs a responsabilidade de analisar com objetividade a situação própria de seu país (Paulo VI, 1971, n. 4).

No contexto social, não podia faltar o tema predileto do Papa Francisco: a inclusão social dos pobres, que mereceu ampla e estimulante consideração (Papa Francisco, n. 186-216). Começa com apodítica afirmação: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (Papa Francisco, n. 187). Só assim somos fiéis ao Evangelho (Papa Francisco, n. 193). As reflexões do Papa nessa série de parágrafos soam bem próximas da teologia da libertação no reconhecimento do “lugar privilegiado dos pobres no Povo de Deus” (Papa Francisco, n. 197-201) e da “necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza”, superando a exclusividade de planos assistenciais que pensam respostas passageiras (Papa Francisco, n. 202).

O tema do bem comum e da paz social ocupou o Papa. Não se entende como irenismo ou mera ausência de violência, conseguida à custa da imposição de um setor sobre o outro ou “por um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz” (Papa Francisco, 2013, n. 218). Carece surgir do desenvolvimento integral de todos (n. 219). O texto oferece quatro princípios para orientar “o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum” (Papa Francisco, 2013, n. 221). O primeiro diz respeito ao tempo: “o tempo é superior ao espaço”. Isso implica trabalhar a longo prazo sem ansiedade de resultados imediatos, e sim com convicções claras e tenacidade (Papa Francisco, 2013, n. 222-223). O segundo princípio afirma a prevalência da unidade sobre o conflito, não o desconhecendo, mas aceitando “suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de um novo processo. Felizes os pacificadores” (Papa Francisco, n. 227). Em terceiro lugar, a realidade é mais importante que a ideia, porque a primeira

simplesmente é e a segunda se elabora. Portanto, cabe diálogo permanente entre ambas, evitando “o reino só da palavra, da imagem, do sofisma”, “os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria” (Papa Francisco, n. 231). Pelo contrário, somos impelidos “a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra” (Papa Francisco, n. 233). E um quarto princípio estabelece que “o todo é superior à parte”, ao “prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha cotidianidade”, mas também “não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra” (Papa Francisco, n. 234). Assim se evitam os dois extremos do “universalismo abstrato e globalizante” e do local repetitivo (Papa Francisco, n. 234).

O diálogo na evangelização

Fechando a questão da dimensão social da evangelização, o documento aborda amplamente a questão do diálogo, de modo especial, em três campos: “o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica” (Papa Francisco, n. 238).

Ao proclamar o evangelho da paz, a Igreja está aberta à colaboração com todas as autoridades nacionais e internacionais para promovê-la. Para isso, importa desenhar uma “cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões” (Papa Francisco, n. 239). A Igreja não tem soluções para todas as questões, mas junto com as diversas forças sociais “propõe com clareza os valores fundamentais da existência humana, para transmitir convicções que possam depois traduzir-se em ações políticas” (Papa Francisco, n. 241).

Com a cultura na sociedade, toca à Igreja dialogar com as ciências, propondo caminho diferente do cientificismo

e do positivismo, ao buscar uma síntese entre o pensar das ciências empíricas e os saberes da filosofia e da teologia. A fé eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. Não há contradição entre fé e razão, pois ambas provêm de Deus, como afirma a boa tradição tomista (Papa Francisco, n. 242).

Mais abundantemente, a Exortação trabalha o diálogo religioso na sua dimensão ecumênica, com o Judaísmo, com as outras religiões e com o mundo secular.

O diálogo ecumênico põe em jogo a credibilidade do próprio anúncio cristão. A última onda do movimento ecumênico, que nasceu do encontro entre Igrejas protestantes na Escócia, em 1910, surge precisamente por causa do problema da evangelização em países não cristãos. A divisão entre as Igrejas provocava triste contratestemunho da fé que as Igrejas anunciavam. O Papa Francisco bate nessa tecla. Reconhece como “dom de Deus e precioso testemunho cristão” as presenças no Sínodo da Nova Evangelização do Patriarca de Constantinopla e do Arcebispo anglicano de Cantuária. A busca de caminhos de unidade se volve urgente, por causa da gravidade do contratestemunho da divisão entre cristãos, particularmente na Ásia e na África (Papa Francisco, n. 246).

O diálogo com o Judaísmo acorda no cristão a comunhão de fé no único Deus que atua na história e na Palavra que ele revelou. Não se pode esquecer nem a origem comum de ambos nem a presença atuante de Deus no Povo da Antiga Aliança. A Igreja lamenta sincera e amargamente as terríveis perseguições desencadeadas contra os judeus, especialmente quando movidas por cristãos. Sem poder deixar de anunciar a Jesus, como Senhor e Messias, a Igreja se enriquece da complementação que nos permite ler juntos textos da Bíblia hebraica e assim desentranhar riquezas da Palavra e partilhar de convicções éticas em torno da justiça e do desenvolvimento dos povos (Papa Francisco, n. 247-249).

Ainda no campo do diálogo, cabe cultivar abertura na verdade e no amor para com os adeptos das religiões não cristãs, tentando superar os fundamentalismos de ambas as

partes. O diálogo inter-religioso se tornou condição para a paz mundial. Tema tão belamente trabalhado por Hans Küng, um dos maiores teólogos da atualidade, paladino do diálogo inter-religioso que formulou a famosa tese: “Não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões” (Küng, 2001, p. 103). O Papa não só a reafirma, mas deduz dela a obrigação de o cristão promover o diálogo: “Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas” (Papa Francisco, n. 250). Reconhece que, no momento atual, o diálogo com o Islã adquire grande importância e está a pedir “adequada formação dos interlocutores” (Papa Francisco, n. 253).

Em conexão com tal questão, o Papa recorda o direito da liberdade religiosa e o respeito que ela merece, considerada como um direito humano fundamental. A religião não pode ser reduzida unicamente à esfera íntima. O respeito aos agnósticos e aos não crentes não implica o silenciamento das convicções de maiorias religiosas ou o ignorar da riqueza das tradições religiosas (Papa Francisco, n. 255). Há distorções sobre as religiões lançadas na publicidade por intelectuais, mídia e certos políticos. Pelo contrário, nós cristãos nos sentimos preciosos aliados no empenho pela defesa da dignidade humana na construção pacífica entre os povos (Papa Francisco, n. 257).

Os evangelizadores

Pequeno capítulo sobre os evangelizadores clausura a longa reflexão do Papa. Como eles precisam ser? Antes de tudo, pessoas motivadas por renovado impulso missionário, isto é, que se abram sem medo à ação do Espírito Santo que as move a anunciar o Evangelho com coragem.

“A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais” (Papa Francisco, n. 264). Tanto para sentir tal amor como para continuar nele precisamos da oração de coração diante do crucifixo,

do Santíssimo Sacramento ou simplesmente colocar-nos em sua presença, contemplá-lo com amor, deter-nos em suas páginas, lê-lo com o coração. Ponto fundamental na vida do evangelizador. Aqui o Papa toca em profundidade a tradição inaciana dos Exercícios Espirituais que giram fundamentalmente em torno das contemplações e meditações do Jesus histórico. Prosseguindo a reflexão, o evangelizador deixa-se tocar pela Palavra de Deus. Ela convida-o a reconhecer-se povo, próximo da vida das pessoas onde encontra alegria e felicidade (Papa Francisco, n. 268). Assim ele se assemelha a Jesus que viveu na vida pública bem próximo dos pobres, pecadores, marginalizados de seu tempo, cuja entrega chegou ao extremo na cruz (Papa Francisco, n. 269). Jesus quer que sintamos a miséria humana, vivendo intensamente a experiência do povo (Papa Francisco, n. 270). Na relação com o mundo, cabe-nos dar testemunho de esperança, vencendo o mal com o bem, sem nos mostrar superiores, mas servidores (Papa Francisco, n. 271).

Dois ideias completam o quadro do evangelizador. Sem deixar-se prender pelo pessimismo, fatalismo ou desconfiança, ele necessita voltar-se para a ação misteriosa do Ressuscitado e de seu Espírito e acreditar na força missionária da intercessão.

Coroando a Nova Evangelização está a figura de Maria, a mãe da Evangelização. Ela é, ao mesmo tempo, o presente de Jesus a seu povo e a estrela da Nova Evangelização. Com bela oração a Nossa Senhora, o Papa termina a Exortação Apostólica.

Conclusão

Passeamos rapidamente pelo texto, relativamente longo para uma Exortação apostólica. Tem o peso de Encíclica, marcada pela personalidade do Papa Francisco. Ele se revela homem de profunda experiência de Deus e que faz valer a dimensão teológica da existência do evangelizador pela oração, contemplação, seguimento de Jesus.

A partir de tal ótica, olha para Deus, para a Igreja e para a pastoral. Em relação a Deus, desenha-nos a face misericordiosa

de Pai. Ao olhar para a Igreja, movem-lhe sentimentos de gratidão, de esperança, mas também de profundos desejos de conversão naquilo em que ela se afasta do projeto de Jesus: ser pobre, próxima do povo, anunciadora do amor e não voltada para si, para o seu lado puramente institucional. Com o olhar pastoral, pensa evangelização, como saída, especialmente, em direção aos pobres e afastados da Igreja para anunciar-lhes o amor misericordioso de Deus, manifestado, sobretudo, na pessoa de Jesus Cristo e atualizado pela ação do Espírito no coração dos fiéis e de todos os seres humanos.

Para os religiosos, o Papa deixou uma mensagem de alerta e incentivo. Alerta para o fato de a escassez de vocações à Vida Consagrada dever-se “à falta de ardor apostólico contagioso nas comunidades”. Desperta a esperança, ao acreditar que lá “onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas” (Papa Francisco, n. 107).

Bibliografia

- CNBB/CIMI. *Inculturação e libertação*: semana de estudos teológicos CNBB/CIM. São Paulo: Paulinas, 1986.
- JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in Oceania* (22 de novembro de 2001), 19: AAS 94 (2002), 390.
- KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial*: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PAPA FRANCISCO. *Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- _____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco sobre o anúncio do Evangelho no Mundo Acatu. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html>. Acesso em: 01 dez. 2013.
- PAULO VI. Carta enc. *Ecclesiam suam* (6 de agosto de 1964), 10-12: AAS 56 (1964).
- _____. *Evangelii Nuntiandi: a evangelização no mundo contemporâneo*: São Paulo: Loyola, 1976.
- _____. *Carta apostólica “Octogesima Adveniens” sobre as necessidades novas de um mundo em transformação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Identifique a experiência fundamental de Deus que preside o texto do Papa.
2. Que tipo de Igreja o texto desenha?
3. Quais pontos concretos da conversão pastoral o texto aponta?

Tráfico de pessoas

Uma “realidade-clamor” que interpela e desafia a missão profética da VRC

IR. EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, ICM*

Introdução

“A Vida Religiosa que assume corajosamente sua dimensão místico-profética avança para as fronteiras da missão”
(Ir. Márian Ambrosio).

A Vida Religiosa Consagrada tem sua razão de ser na missão que assume e no sinal de contradição que expressa pelo seu testemunho e opções. Sua missão concretiza-se no coração do mundo, respondendo aos *sinais dos tempos* e ao grito dos pobres, em fidelidade criativa aos carismas fundacionais, em cada momento histórico.

Sobre o contexto histórico hodierno, temos dito e ouvido muitas vezes que a nossa época de mudanças configurou-se numa *mudança de época*, devido à abrangência e rapidez das transformações sistêmicas que estão acontecendo. A fase em curso do capitalismo, conhecida como globalização neoliberal, de caráter planetário, transformou nossa *casa comum* em um grande e sedutor mercado para o qual a regra básica é comprar e vender tudo e todos, inclusive as pessoas, em vista do triunfo do capital acumulado nas mãos de uns poucos.

O cenário resultante desta globalização estampa uma realidade marcadamente interpeladora, a missão profética da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada. Cria e sustenta mecanismos de exclusão, violência e morte para milhões de pessoas e grupos, que em situações de vulnerabilidades

* Ir. Eurides Alves de Oliveira, religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, é graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, e especialista em Gestão Social, pela Unisinos, São Leopoldo, RS. Coordena a Rede “Um Grito pela Vida” e é membro da Coordenação do GT de Enfrentamento ao Tráfico Humano da CNBB.

e privações dos direitos mais elementares para viver dignamente se tornam presas fáceis dos mecanismos idolátricos do sistema. Neste cenário, estão as pessoas traficadas, citadas pelo *Documento de Aparecida*, dentre os novos rostos de excluídos:

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos de excluídos: os migrantes, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os meninos e meninas vítimas da prostituição, do tráfico de órgãos, pornografia, violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da violência, da exclusão e do tráfico para a exploração sexual e laboral, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, e tantos outros.¹

O tráfico de pessoas, sobretudo de mulheres e crianças, que são as vítimas em potencial deste ilícito negócio, é hoje um dos mais urgentes apelos históricos para a sociedade, e com especial convocação para a Igreja, e nela a Vida Religiosa, cuja missão de cuidar, proteger, defender e promover a vida ameaçada é imperativo Teológico.

Nessa perspectiva, o presente texto quer ser uma contribuição para a reflexão/provocação para a Vida Religiosa Consagrada do Brasil, na vivência de sua vocação e missão profética.

1. Tráfico de pessoas – uma “realidade clamor”

A escravidão, o tráfico de pessoas e as práticas conexas, como a servidão por dívidas e a prostituição e o trabalho forçados, constituem violações dos direitos humanos mais fundamentais: o direito à vida, à dignidade, à segurança, o direito ao trabalho justo, à saúde e à igualdade. Trata-se de direitos que todos nós temos, independentemente do nosso sexo, da nossa nacionalidade, da nossa condição social... A escravidão e o tráfico de seres humanos têm que ser erradicados, e devemos reafirmar nosso compromisso com o fim dessas práticas intoleráveis (Centro de Informações das Nações Unidas, 2003).

1. CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5. ed. Brasília: CNBB/ Paulinas/Paulus, 2008, n. 402. Além deste também podem ser mencionados os números 65 e 73.

O mesmo documento define que exploração inclui, no mínimo, a exploração da prostituição ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas análogas à escravidão, servidão ou a remoção de órgãos. Situações que podem ocorrer no âmbito interno e/ou externo dos países, ou seja, existe o tráfico interno e o tráfico internacional de pessoas para estas diferentes modalidades.

Segundo o manual para promotoras legais populares *Cidadania, direitos humanos e tráfico de pessoas*, publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), no Brasil, essas situações assim se manifestam:

No caso do tráfico internacional de pessoas para fins de exploração sexual, ou seja, o tráfico que ocorre do Brasil para o exterior, as mulheres e meninas são as maiores vítimas. Mesmo as pessoas que vão para o exterior, sabendo que irão trabalhar no mercado do sexo, ao chegarem a outro país, elas se deparam com situações de trabalho bem diferentes daquelas que foram propostas. Muitas vezes são enganadas e submetidas a condições de perda de liberdade e de exploração que caracterizam trabalho forçado e escravo, e que definem a situação de tráfico de pessoas.

No caso do tráfico interno para fins de exploração sexual, ou seja, o tráfico que ocorre dentro do País, a maioria das vítimas é de crianças e adolescentes cujas famílias estão em situação de pobreza. É importante destacar, ainda, que o trabalho doméstico também é uma atividade na qual são encontradas situações de tráfico de pessoas para fins de trabalho forçado e escravo.

No Brasil, a exploração de crianças e adolescentes no trabalho infantil doméstico ainda é um problema grave, presente em diferentes regiões do país, e, muitas vezes, as vítimas são traficadas de uma cidade para outra.

Situações também já foram detectadas envolvendo mulheres adultas contratadas como trabalhadoras domésticas em outros países.

Os homens também são vítimas do tráfico de pessoas no Brasil e são explorados em trabalhos realizados em condições de escravidão. Geralmente são homens pobres que, em função da necessidade do sustento da família, acreditam em falsas promessas

de emprego em regiões isoladas do país, principalmente na área da Floresta Amazônica. Há casos, ainda, de trabalho forçado e escravo em grandes cidades brasileiras, com a exploração de trabalhadores e trabalhadoras de países como a Bolívia e o Peru. Essas situações têm sido mais encontradas na cidade de São Paulo, geralmente em oficinas de costura (OIT, 2012).

3. Abrangência e dimensões do tráfico de pessoas

O tráfico de pessoas não é uma questão que se esgota em si mesma; não é um problema isolado ou apenas de índole moral. Está estreitamente conectado com os mecanismos globais derivados de uma estrutura política e econômica alinhada na injustiça, na violência e na exacerbada sede de lucro por parte das elites dominantes.

Nas últimas décadas ocorreram profundas mudanças estruturais na economia e na geopolítica mundial, configurando o cenário de um mundo globalizado e portador de inúmeras possibilidades. O capital e a informação se locomovem com facilidade, rapidez e agilidade. Assiste-se a um grande avanço no campo das redes de comunicação e um amplo movimento de mobilidade humana, ampliados os fluxos migratórios, dentro dos quais o tráfico de pessoas tornou-se um problema de amplas dimensões. Uma das faces obscuras da globalização capitalista.

Como uma expressão das muitas outras faces da pobreza e da exclusão, o tráfico de pessoas atinge milhões de pessoas em todo o mundo. É resultado de um sistema estruturado e sustentado pela lógica do mercado, cujo fim é o acúmulo da riqueza nas mãos de uns poucos via mercantilização de tudo, inclusive das pessoas. É o espelho da irracionalidade do capitalismo global que, para manter sua soberania imperialista, utiliza-se desses meios espúrios como o tráfico de drogas, pessoas e armas como canais de enriquecimento e poder.

Como bem expressa o professor Élio Estanislau Gasda:²

Há uma elite triunfante e exibicionista, que trafega em seus jatinhos, banqueiros, empresários, senhores da mídia que deram as

2. Em seu texto: Tráfico de pessoas e trabalho escravo: lugar teológico, clamor ético, missão da Igreja. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=59343>>. Acesso em: 29.10.2013>. Gasda é doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia de Madri e professor de Ética e Teologia na FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte).

costas aos milhares de seres humanos empurrados para os vales da morte do capitalismo. Aí se escondem os crimes mais cruéis contra a vida humana, como a escravidão e o tráfico de seres humanos. O capitalismo sustenta essa máquina de pilhagem de miseráveis com a cumplicidade da sociedade e do sistema financeiro. Ao aceitar o dinheiro do tráfico, os bancos se omitem ante o terror imposto a pessoas indefesas. É dinheiro sujo procedente de bordéis, masmorras, carvoarias, barracões. São dólares de sangue extraído desses reféns dos criminosos vorazes cujo poder está longe de esgotar-se.

Os agentes, “empresários do crime” do tráfico de pessoas, que vão desde os aliciadores até os agenciadores mais ocultos do sistema, fazem parte de uma rede bastante complexa e bem articulada, que envolve inúmeras pessoas e instituições que deveriam estar a serviço da vida e dos direitos das pessoas, mas se articulam e agem contrariamente, configurando um cenário de morte de “nova e velha escravidão”.

As redes do tráfico põem em movimento uma quantidade imensa de pessoas pelo mundo. Nesse deslocamento de magnitude ampla, complexa e diversificada, circulam jovens e adultos, adolescentes e crianças de ambos os sexos. Dependendo dos fins em jogo, exploração do trabalho ou exploração sexual, predomina, respectivamente, o sexo masculino ou o sexo feminino.

Em termos mundiais há uma verdadeira economia paralela construída em torno do comércio de pessoas. O tráfico de pessoas constitui uma das formas mais explícitas da escravidão do século XXI. Uma *escravidão moderna* que se utiliza de formas sofisticadas de exploração e violência. Além de envolver milhões de pessoas, é também uma das atividades mais lucrativas do crime organizado, juntamente com as atividades gêmeas de traficar armas e drogas.

Embora os dados disponíveis sejam um tanto imprecisos, as cifras divulgadas sobre essa prática hedionda são alarmantes. Colocam o tráfico de pessoas entre as três fontes ilícitas mais rentáveis da economia mundial: gente, drogas e armas, movimentando exorbitantes quantidades de dinheiro.

Dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) afirmam que a economia mercadológica do tráfico de pessoas movimentou de US\$ 7 bilhões a US\$ 9 bilhões por ano.

Estimativa da Organização Internacional do Trabalho – OIT, publicada em 2012, indica a existência de aproximadamente 20,9 milhões de pessoas vítimas de tráfico de pessoas, seja no trabalho forçado e/ou na exploração sexual. Nesse total, mulheres e meninas representam 11,4 milhões (55%), enquanto homens e meninos, 9,5 milhões (45%). Na América Latina há cerca de 1,8 milhão de vítimas, 9% do total mundial.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de pessoas traficadas no planeta atinge a casa dos quatro milhões anuais. E o Brasil é um dos países campeões no mundo em relação ao fornecimento de pessoas, particularmente mulheres para o tráfico internacional. Estima-se que 700 mil mulheres e crianças passam todos os anos pelas fronteiras internacionais do tráfico humano. É o país responsável por 15% das pessoas exportadas da América Latina para a Europa.

As estatísticas publicadas no Relatório 2012 da UNODC confirmam que as mulheres continuam sendo as principais vítimas do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, representando 76% do total. Outro dado preocupante é o aumento significativo de crianças e adolescentes, principalmente meninas, que caem nas armadilhas dos traficantes de pessoas. A mesma fonte revelou que esse grupo aumentou de 20% para 27% do total das vítimas (Bottani, 2013).³

No Brasil atualmente são conhecidas, pelo menos, quatro modalidades de tráfico de pessoas: para fins de exploração sexual e/ou laboral; para venda de órgãos e para fins de adoção ilegal. As duas primeiras modalidades são as mais visíveis e com políticas de enfrentamento mais estruturadas.

Dados do Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2011, demonstram que o sexo feminino corresponde à maioria das vítimas, das muitas formas de violações de direitos praticadas, especialmente contra crianças e adolescentes: são 80% das vítimas de exploração

3. BOTTANI, Gabriela. Tráfico de pessoas: a escravidão de nossa época. In: IHU ON-LINE – Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 414. p. 10-12, 15 abr. 2012.

sexual, 67% de tráfico de crianças e adolescentes, 77% de abuso sexual e 69% de pornografia.

O perfil das pessoas, prioritariamente das mulheres traficadas, em geral, são: pessoas em situação de vulnerabilidades social, desempregadas, mães solteiras, com pouco estudo e que já sofreram violência. Quanto à faixa etária, dos 14 aos 30 anos, com maior incidência para as de 18 a 20 e 15 a 17, respectivamente. Quanto à etnia, há uma predominância para as afrodescendentes ou indígenas. São oriundas na sua maioria das regiões mais periféricas e sem condições dignas de sobrevivência. Mulheres que carregam o sonho e a disposição de conseguir um futuro melhor para si e sua família.

4. O contexto sociocultural: causas e fatores do tráfico de pessoas

Inserido na complexa estrutura do modelo de desenvolvimento capitalista, o tráfico de pessoas tem na globalização excludente a causa e cenário para o seu surgimento, crescimento e sustentação.

É um fenômeno plural e complexo. As abordagens e compreensões já construídas demonstram que o tráfico de pessoas não tem causa única, mas resulta de uma série de fatores relacionados às oportunidades de trabalho, aos fluxos migratórios, à busca por melhores condições de vida, às desigualdades sociais e às discriminações de classe, gênero e etnia.

O tráfico de pessoas está inserido numa intrincada rede de mazelas sociais que violenta, explora e mata sonhos e vidas. Configura-se uma teia/rede,

composta por uma infinidade de fios que se cruzam e se entrelaçam. Em cada um deles está uma pessoa, que tem uma história, um lugar de onde partiu e que agora vive marcada por uma trama muito maior do que tudo o que tenha sonhado ou desejado (Andrade, 2012).

A história de Ana

“Aos 27 anos, com dois filhos pequenos que sustentava como comerciária em Salvador, Ana foi apresentada a um

européu que lhe prometia um trabalho bem remunerado em seu país, Itália, como dançarina. Assim, ganhou uma passagem de ida e, quando chegou à Europa, alguém já esperava para levá-la ao novo local de trabalho, a alguns quilômetros da cidade.

Só quando chegou é que ficou sabendo que era um prostituto e da exigência de fazer *strip-tease* e se prostituir, se abordada por algum cliente. Ao recusar durante três dias seguidos essas duas novas imposições, a briga com o patrão acarretou a perda do emprego e, conseqüentemente, de casa e de comida. Aí estavam apenas começando os problemas de mais uma brasileira no exterior.

Durante a briga, um dos clientes decidiu que a hospedaria em sua casa, o que, através de gestos, ficou claro que seria a única saída. Aceito o convite, Ana, já instalada na casa do seu protetor, chegou a ser violentada, além de sofrer outros tipos de agressões físicas que a levaram a fugir na madrugada, à procura de um trem que a tirasse do lugarejo onde se encontrava.

Conseguiu. Chegou à estação, mas não havia mais trens e, como único abrigo para se proteger das temperaturas negativas do inverno europeu, encontrou uma cabine telefônica, onde resolveu passar a noite. O que ela não poderia imaginar e só veio saber semanas depois é que seu suposto protetor, após a fuga, ligou para a polícia avisando que havia ‘uma negra louca’ na ferroviária. Esta denúncia bastou para que policiais, ao encontrarem a estrangeira dormindo na cabine, a levassem diretamente para o manicômio, onde Ana ficou durante quinze dias sem ter com quem falar na sua língua de origem para explicar o que havia acontecido. Só após este prazo, a administração do manicômio verificou o passaporte da nova interna e contactou uma organização de estrangeiras que, após esclarecer o caso, a tirou de lá. Durante todo o período no hospital, Ana foi tratada como doente perigosa, sem entender absolutamente nada do que se passava à sua volta ou porque estava ali” (fonte sigilosa).

A história de Ana é uma entre as muitas e muitas histórias de vida das pessoas traficadas, que acontecem cotidianamente

em nosso país e em todo o mundo. As mulheres são alvos potenciais dessa rede criminosa, devido à feminização da pobreza, à cultura de discriminação e desigualdade de gênero, à dívida social quanto ao acesso à educação e ao emprego, à cultura hedonista que transforma o corpo da mulher em objeto de desejo e cobiça, aos paradigmas etnocêntricos e patriarcais da cultura e da moral.

São muitos os fatores básicos que contribuem para a entrada das pessoas nessa rede criminosa, fatores de ordem socioeconômica e política, cultural e ideológica: a pobreza, a ausência de oportunidades de trabalho, a discriminação de gênero, a violência doméstica, a desinformação, a cultura hedonista veiculada pela mídia, a instabilidade política e econômica em regiões de conflito, a migração forçada, o turismo sexual, a corrupção das autoridades, as leis deficientes, a impunidade, são os mais citados pelos estudiosos do assunto como fatores que favorecem a inserção das pessoas nesse mercado do crime.

Em geral, as vítimas do tráfico de pessoas encontram-se fragilizadas pela situação de pobreza na qual estão inseridas, sendo alvos fáceis para traficantes, que aproveitam de suas necessidades e sonhos de uma vida melhor, através de promessas de vida melhor para elas e/ou suas famílias.

No entanto, outros fatores ou motivações de ordem subjetivas, culturais e simbólicas também se somam aos contextos de vulnerabilidades das pessoas traficadas. Por exemplo, o desejo de sair, conhecer outros lugares e culturas, o sonho de transformar-se em alguém importante, ser modelo, dançarina, casar-se com um estrangeiro ou ainda a necessidade de sair de uma condição de violação de direitos, violência, abuso sexual.

Em meio a estes contextos socioculturais e psicoafetivos, os traficantes se apropriam e aproveitam do bem mais precioso do ser humano – a sua capacidade de sonhar, de querer mais, de ir mais longe.

Os/as aliciadores/as, na hierarquia dos envolvidos no esquema do tráfico de pessoas, são em geral próximos/as das pessoas traficadas, entram nos espaços onde os sonhos ainda

são negados, onde restam poucas ou nenhuma alternativa, com uma promessa que parece irrecusável.

A maioria das vítimas do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual é mulheres, adolescentes e crianças que têm em comum o mesmo perfil social, marcado pela vulnerabilidade social e suas consequências: analfabetismo, desemprego, imigração, exclusão social, e veem na possibilidade de sair do seu espaço uma oportunidade de conseguir melhoria de vida, conforto financeiro, fama, reconhecimento e outras tantas características nessa linha de raciocínio.

O tráfico de pessoas, principalmente o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, reforça a percepção da mulher como objeto sexual, e não como sujeito de direito à liberdade. A percepção do homem como provedor emocional e financeiro estabelece relações de poder entre ambos os sexos. Nesse contexto, mulheres foram historicamente estimuladas a desempenhar o papel social de atender aos desejos e demandas do homem ou de quem tiver alguma forma de poder hierárquico sobre elas.

Portanto, as questões socioculturais ligadas ao sistema patriarcal criam e sustentam as desigualdades de gênero, e estas não são apenas detalhes, mas mecanismos estruturantes no processo, na roda-viva da violência, exploração sexual e tráfico de pessoas.

Em síntese, o tráfico de pessoas, para fins de exploração sexual, trabalho escravo, comércio de órgãos ou adoção irregular, é fruto de um processo histórico de desigualdades e injustiças, impulsionado pela globalização capitalista que concentra riqueza nas mãos de poucos, deixando na miséria a grande maioria da humanidade. O drama da pobreza e da exclusão social e a conseqüente violação dos direitos humanos contribuem decisivamente para a vulnerabilidade das pessoas a qualquer tipo de exploração.

Diversos estudos revelam que a realidade de vulnerabilidade social e econômica, na qual as populações excluídas, em particular as mulheres, as crianças e adolescentes, as juventudes, os trabalhadores e trabalhadoras desempregados, os migrantes e refugiados, as minorias étnicas estão

inseridas, são determinantes para a atuação de traficantes e aliciadores.

A falta de oportunidades de emprego digno, o turismo sexual e as políticas migratórias restritivas são alguns dos fatores que facilitam a ação das redes de tráfico de pessoas, que cada vez mais apresentam métodos sofisticados de recrutamento, através das redes de favorecimento: agências de emprego, moda e viagens; indústria do turismo, redes de entretenimento, internet, redes sociais.

5. Uma sociedade sem tráfico de pessoas

O tráfico de pessoas constitui-se em urgente apelo histórico pela sua gravidade e amplitude. Trata-se de um delito de grande incidência mundial na contemporaneidade. Apesar da sua amplitude, é uma realidade ainda bastante oculta nos cenários e agendas das instituições. O tráfico de pessoas funciona como uma epidemia silenciosa que vai ceifando vidas e sendo tolerada pela sociedade como um problema distante e de pouca relevância.

Neste contexto de vulnerabilidades acumuladas, o enfrentamento ao tráfico de pessoas se impõe como *um grito pela vida*. Transcendendo o ato de libertar ou socorrer as vítimas, impõe a necessidade de um processo articulado de formação e mobilização social, capaz de eliminar os mecanismos que o reproduzem.

A partir deste parâmetro político-metodológico, o empenho em construir uma sociedade sem tráfico de pessoas consiste num processo permanente de intervenção em todos os níveis e dimensões, através de ações locais de sensibilização e informação, lutas por políticas públicas que garantam os direitos fundamentais das vítimas, principalmente adolescentes, juventudes e mulheres, e os trabalhadores e trabalhadoras desempregados ou subempregados, e pelo efetivo cumprimento e adequações na legislação e dos mecanismos de proteção e controle dos Estados-nação.

A Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (2006) reconhece o tráfico humano como um problema

multidimensional que necessita de ações articuladas com os diferentes setores e atores sociais. Traz um conjunto de diretrizes, princípios e ações norteadoras da atuação do poder público no combate ao tráfico de pessoas. Seu texto está estruturado em três eixos: prevenção, repressão ao tráfico e responsabilização de seus autores e atenção às vítimas. Não obstante o reconhecimento do esforço realizado, esta tarefa ainda está muito aquém da necessidade e urgência que apresenta.

Urge o desenvolvimento de uma mentalidade pró-ativa da sociedade brasileira com relação aos/às migrantes e refugiados/as e às vítimas do tráfico de pessoas, de tal maneira que possamos contribuir para a reconstrução da dignidade e da cidadania para todos esses que, como todo ser humano, são “portadores de direitos inalienáveis que não podem ser violados nem ignorados”.

Dar um basta ao tráfico de pessoas é tarefa de todos. Dever do Estado e da sociedade. Urge aguçar nossa capacidade de pessoas históricas e construtoras da história. Romper com o silêncio que faz novas vítimas. A crueldade do escândalo do tráfico de pessoas exige uma opção pastoral decidida e inegociável.

6. Contribuição da Vida Religiosa Consagrada

A Vida Religiosa Consagrada tem como vocação/missão ser sinal de Deus no mundo. Revelar a primazia do amor de Deus para com a humanidade, sobretudo para com os que sofrem. Na origem de todas as Congregações religiosas, está um desafio-clamor vindo do mundo dos pobres, que ecoou para os fundadores/as como um apelo de Deus e se fez carisma-missão. Portanto, na raiz de todos os carismas fundacionais está o grito da vida ameaçada.

Ao longo da história, as Congregações procuraram atualizar seus carismas e respostas missionárias, a partir das demandas concretas de cada época. Pela força do Carisma e da missão de seguir Jesus no caminho dos pobres, a Vida

Religiosa Consagrada, num movimento dinâmico de fé e solidariedade, é convocada a viver a Consagração-Missão nas periferias e fronteiras, auscultando as interpelações de Deus no hoje da história.

No contexto atual, o clamor das pessoas traficadas se impõe como um grito emergente que tem encontrado entre as congregações religiosas, sobretudo femininas, uma resposta de fé e compromisso. Decididas a estar de maneira estratégica ao lado das pessoas indefesas, com uma práxis articulada de solidariedade e cidadania a serviço da vida.

Desde o ano 2001, a UISG – União Internacional das Superiores Maiores, em sua Plenária Internacional, realizada em Roma, com a participação de 800 religiosas dos diversos institutos e Congregações femininas, declarou publicamente, no documento final, seu compromisso de lutar contra o abuso e exploração sexual das crianças e das mulheres, em especial o enfrentamento do tráfico de mulheres:

Enviadas a ser uma presença viva de ternura e misericórdia de Deus no nosso mundo ferido, declaramos publicamente a nossa determinação em trabalhar em solidariedade umas com as outras nas nossas próprias comunidades e nos países em que estamos, em interpelar, insistentemente, a todos os níveis, para o abuso e exploração sexual das mulheres e crianças, com particular atenção para o tráfico de mulheres, que se tornou um negócio lucrativo multinacional (Declaração-Plenária UISG. Roma. 13.05.2001).

A partir dessa data, um expressivo número de religiosas e alguns religiosos de diversas congregações tem assumido mundialmente a luta por uma sociedade sem tráfico de pessoas, como um campo de atuação missionária. Articuladas/os em redes, ligadas às Conferências Religiosas de seus países, integradas à Rede internacional da Vida Religiosa – TALITHA KUN, elas atuam integradas com as organizações eclesiais e civis, fomentando, promovendo e/ou participando de atividades e processos de prevenção, assistência às vítimas e intervenção política no intuito de instruir, instrumentalizar e mobilizar a sociedade no enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Somando com os inúmeros atores que atuam no enfrentamento ao tráfico de pessoas, a principal contribuição da Vida Religiosa, nesta luta, está na ampliação da compreensão e intervenção para além da visão estritamente criminalística e repressiva do tráfico de pessoas, desenvolvendo processos humanizadores, consciência crítica e mística evangélica. Trabalhando as causas e os processos de resgate da dignidade e de reinserção social.

7. Rede Um Grito pela Vida

Compreendendo que atuar no enfrentamento ao tráfico de pessoas não é só uma escolha, mas um imperativo bíblico-profético “d’Aquele que vê, ouve e desce para libertar seus filhos e filhas da escravidão” (cf. Ex 3,7), d’Aquele que enviou seu filho único nascido de uma Mulher, para dar sua vida em resgate de outras vidas (cf. Gl 4,4) e das mulheres discípulas que, com refinada astúcia, cumplicidade e solicitude ao Espírito de Deus, foram protagonistas no resgate, defesa e promoção da vida umas das outras.

A Vida Religiosa do Brasil, através de mais de 150 religiosas e religiosos que integram a Rede Um grito pela Vida, atua desde 2006 no enfrentamento desse “desafio-clamor”, agindo nas diversas regiões do país, articuladas em 19 núcleos, integradas com as organizações eclesiais e civis, fomentando, promovendo e/ou participando de atividades e processos de prevenção, assistência às vítimas e intervenção política, a fim de combater e coibir o crescimento da inserção de vítimas nesse mercado do crime.

A Rede Um Grito pela Vida é um caminho que nos permite ampliar alianças intercongregacionais em prol da vida ameaçada e ferida das pessoas traficadas. Caminho que nos possibilita ensaiar passos de encarnação em novos espaços sociais, políticos e teológicos para incidirmos nesse fenômeno, que cresce de maneira assustadora. Sutil e vorazmente vai ceifando os sonhos e a vida das crianças e adolescentes, juventudes e mulheres de nossas comunidades.

Com o lema: “Enfrentar o tráfico de pessoas é nosso compromisso”, a Rede desenvolve atividades de:

- sensibilização e informação, priorizando os grupos em situação de vulnerabilidade, lideranças comunitárias, agentes de pastoral e outros;
- organização de grupos de reflexão e estudo, aprofundando as causas e situações que o favorecem, como: questões de gênero, violência, modelo de desenvolvimento, construções e projetos, grandes eventos, hedonismo midiático, aumento da precariedade do trabalho, corrupção, impunidade, entre outras;
- capacitação de multiplicadores/as, visando ampliar a ação de enfrentamento ao tráfico de pessoas, principalmente para fins de exploração sexual;
- participação e mobilização social e política de incidência na definição e efetivação de políticas públicas de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Agradecemos pela presença e participação de todas e todos que somam conosco nesta luta e reafirmamos para toda a Vida Religiosa Consagrada o desejo de vê-la sempre mais comprometida com esta e outras causas que ferem a Vida em todas as suas dimensões. A Rede Um Grito pela Vida é um espaço aberto e espera encontrar nas Congregações, Regionais e Organizações afins, adesão, apoio e empenho no enfrentamento desta realidade de agressão aos Direitos Humanos e ao próprio Deus.

Gestos simples desencadeiam ações de libertação: colocar a questão em pauta em todos os espaços possíveis: igrejas, escolas, hospitais, inserções, obras e projetos sociais, em vista da formação da consciência e ações de intervenção na realidade. Articular forças – atuar em redes e parcerias com a sociedade civil e o poder público. Somar na luta por políticas públicas para as juventudes e mulheres. Rezar e aprofundar esta realidade, à luz da Palavra de Deus. Esta tem sido a ciranda do reagir e agir permanente das religiosas da Rede Um Grito pela Vida e da Talitha Kun nos diversos núcleos e localidades do país e do mundo. Sensibilize-se, informe-se e participe. Some nesta missão!

8. Campanha da Fraternidade 2014

Por convicção de fé no sonho de Deus, sonho de vida em abundância para todos e todas (cf. Jo 10,10) a erradicação do tráfico de pessoas é compromisso de todas/os nós, que acreditamos na possibilidade de “outro mundo possível”, em uma sociedade pautada no direito, na justiça social e na superação de toda forma de violência, exclusão e tráfico.

Este compromisso:

[...] não pode e nem deve ser uma luta em prol de algumas vítimas desafortunadas do egoísmo humano, mas sim o ponto de partida para repensar as prioridades que orientam a humanidade, para redirecionar o caminho do desenvolvimento econômico, para recolocar no centro da vida de cada pessoa a utopia da fraternidade universal, com progressiva eliminação de todos os ídolos que exigem sacrifícios humanos.⁴

Nesta perspectiva, na esperança de seguirmos tecendo os fios da solidariedade na defesa da vida das pessoas traficadas e ampliarmos, de forma efetiva, a otimização e articulação de nossos esforços e iniciativas, em prol de uma sociedade sem tráfico de pessoas, após um longo processo de mobilização de diversas pastorais, organismos eclesiais e sociais, a Igreja do Brasil, reafirmando seu compromisso com o Evangelho da Vida, denuncia a realidade do tráfico humano considerando-a uma violação à imagem de Deus e um cerceamento da liberdade daqueles e daquelas que foram resgatados e libertos por Cristo.

No irmão traficado, na irmã escravizada, é nossa própria filiação divina que vem sendo negada. Com esta convicção, a CNBB aborda o drama das pessoas traficadas na Campanha da Fraternidade 2014, com o tema: Fraternidade e Tráfico Humano, e o lema: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

O objetivo geral se propõe a identificar as práticas de tráfico humano em suas várias formas e denunciá-lo como violação da dignidade e da liberdade humana, mobilizando cristãos e a sociedade brasileira para erradicar esse mal, com vista ao resgate da vida dos filhos e filhas de Deus.⁵

4. MARINUCI, Roberto. *Tráfico de pessoas e trabalho escravo*. II Seminário Nacional: 2012. Brasília-DF: Ed. CNBB, p. 11.

5. Texto-base – Campanha da Fraternidade 2014, p. 8.

A “lei de Cristo” (cf. Hb 8,10) move o discípulo/a missionário/a a tomar decisões firmes a favor da liberdade e da dignidade humana. No rosto das vítimas do tráfico humano a Igreja identifica o rosto de Jesus sofredor.⁶

Temos plena consciência de que, do ponto de vista eclesial e teológico, o clamor das pessoas traficadas é interpelação que clama e convoca-nos ao compromisso profético-solidário de Igreja samaritana, discípula e missionária, comprometida com a defesa da vida onde ela se encontra ameaçada, e que o sistema gerador desta realidade é uma expressão do antirreino, uma idolatria que precisa ser visibilizada e denunciada, por toda a Igreja e sociedade em geral.

A Campanha da Fraternidade é um espaço-meio, uma prática já consolidada da Igreja no Brasil e aceita por toda a sociedade. Portanto, uma oportunidade singular para intensificarmos nossa resposta a essa *realidade-clamor* que nos interpela e desafia, pois, no grito dos pobres, das pessoas traficadas e exploradas, está o grito do Deus da Vida pela Vida!

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Aprofundar o conceito de tráfico humano, suas causas e consequências sociais.
2. Que ações você e sua comunidade assumiram nesta CF 2014 para combater a prática criminosa do tráfico humano?
3. Dialoguem como dar continuidade às ações, após a CF, para ajudar a Rede Um Grito pela Vida a combater o tráfico de pessoas.

6. Texto-base – Campanha da Fraternidade 2014 (cf. n. 218).

A narrativa transmídia O discurso do mundo midiático integrado na Vida Religiosa Consagrada (VRC)

IR. NÚBIA MARIA DA SILVA*

1. Introdução

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) se integra nas redes digitais para a divulgação de experiências de seus membros com narrativas da “essência da Vida Consagrada”.

Este artigo tem como tema “a narrativa transmídia: o discurso do mundo midiático integrado na VRC”. O debate sobre “Novas Tecnologias na Vida Consagrada” não só apresenta desafios, mas também novas perspectivas de integração na cultura da convergência. A abordagem é de Joana Puntel (2012), pesquisadora no campo da comunicação da VRC. Ela fala de uma nova plataforma em que a VRC se movimenta; de um novo espaço onde as mídias facilitam a divulgação da mensagem e a interação com as “gerações digitais”. No processo midiático de novas plataformas, a VRC tem conseguido manter-se atualizada no conteúdo (narrativa), na forma e na mensagem que oferece?

A resposta a essa pergunta passa pelo conceito de “narrativa”: *mimese* (imitação) e *diegese* (relato). Um dos maiores pesquisadores da atualidade, Henry Jenkins (2009), ajuda na apresentação dos conceitos fundamentais da cultura da convergência: “convergência dos meios de comunicação”; “cultura participativa” e “inteligência coletiva”. Com ele será entendida a perspectiva do consumidor/produtor que permite a fluidez de um mesmo conteúdo por vários canais diferentes – “diversas plataformas” – na sua linguagem.

Martín-Barbero (2009) acompanha a compreensão dos “mediadores socioculturais”, refletindo as figuras institucionais e

* **Núbia Maria da Silva** é natural de Campo Maior-PI. É religiosa e jornalista. Ingressou à Vida Religiosa em 1987, na Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas. É capacitada pelo CEBI Nacional como assessora bíblica popular. É agente jurídico popular, capacitada pelo Centro de Direitos Humanos de Cristalândia-TO (CDHC). Escreve para as revistas italianas missionárias combonianas *Nigriza* e *Combonifem*. Atualmente trabalha para os jornais da Escola e do Instituto Superior Franciscano Nossa Senhora de Fátima, em Brasília-DF.

tradicionais como os novos atores e os movimentos sociais emergentes que introduzem novo uso social dos meios.

Com isso, os novos horizontes são traçados na evangelização e a VRC, fiel ao carisma de seus fundadores e à missão que a ela foi confiada, não pode deixar de estar no universo das narrativas transmidiáticas, presente de forma competente e responsável nos novos “areópagos” da evangelização.

2. Vida Religiosa Consagrada (VRC): novas relações no mundo midiático

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) é uma realidade histórica, mas, em cada novo momento, sente necessidade de redescobrir sua razão de ser na Igreja e na sociedade. Hoje, com o desenvolvimento da mídia, a VRC abre-se para uma discussão sobre o universo midiático na era das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Em novembro de 2012, a VRC realizou na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), em São Paulo, um seminário de comunicação para a Vida Religiosa com a temática “Novas Tecnologias, Novas Relações na Vida Consagrada: desafios culturais e perspectivas”, promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB/Nacional) e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O objetivo era oferecer reflexões e debates à vida VRC sobre “cultura da convergência”.

Segundo a religiosa/jornalista e teórica no campo da comunicação da Igreja Católica, Joana Puntel (2012), a tecnologia possibilita novas relações na Vida Consagrada e levanta questões jamais debatidas. A cultura midiática abriga novas abordagens. As redes não são mais um “ambiente pecaminoso”, mas sim um novo espaço de evangelização: “o ser humano (consagrado ou não) que se relaciona nas redes” é um ser social que vai buscar, nas suas expressões, o que tem dentro de si. É essa a “nova ambiência” para os jovens que estão entrando na Vida Religiosa: os “migrantes digitais” e os “nativos digitais”. As novas tecnologias, utilizadas na sociedade atual, trazem e partilham as mais variadas

experiências de uso desses meios, na pastoral, em vista da ajuda mútua e maior eficácia na missão (PUNTEL, 2012).

A “revolução da comunicação” com as novas tecnologias (internet/digital) causa impactos em instituições religiosas, levando-as a repensar o ambiente digital (a “Liturgia das Horas” – livro de oração dos religiosos – já está disponível como aplicativo para *smartphones* e *tablets*).

A própria Vida Religiosa reconhece que os meios de comunicação não são apenas instrumentos, mas sim uma “ambiência” para as novas gerações que afeta as relações dentro da comunidade. Segundo Almeida (2012), não haverá mais espaço para o velho individualismo das mídias (jornal, revista, cinema, TV, rádio, internet, celular). Comecem a prestar atenção nos jornais impressos e nas revistas, nas emissoras de rádio e de televisão, que já podem ser acessados a qualquer hora e em qualquer lugar, via internet e também do telefone celular ou do *tablet* (ALMEIDA, 2012, p. 381).

Com a cultura midiática, está nascendo um novo modo de ser VRC. Os membros da comunidade religiosa estão “anteados” mesmo quando fisicamente reunidos. Nesse processo midiático com novas formas/plataformas, a VRC tem algo de novo a oferecer (mensagem)?

Para Filho e Castro (2008), alguns grupos sociais se deram conta de que poderiam mudar a “ordem natural das coisas”, aproveitando os novos “púlpitos” para lutar contra a injustiça e a opressão. O uso das TICs tem gerado “mudanças de atitude” e comportamento, possibilitando novas formas de estar, de relacionar-se, de perceber e de sentir o mundo. Contudo, para se mover nessa convergência midiática, a VRC terá que ter novo aprendizado e nova lógica de raciocínio, sem, porém, perder o essencial do conteúdo da Vida Religiosa.

3. Narrativa transmídia, o que é?

A “narrativa transmídia” narra uma mesma história em diferentes suportes, ou seja, divulga-se, por meio de diversos condutos de mídia, em que cada um contribui, de

forma distinta, para a compreensão da narrativa. Muito utilizada na “indústria do entretenimento”, ela tem braços em diversos e diferenciados setores midiáticos. O conteúdo vai-se alterando na produção de várias outras histórias com novos personagens, de acordo com a plataforma de divulgação (filmes, histórias em quadrinhos, programas de TV, sites, games), ampliando seu desenvolvimento narrativo.

O conceito de narrativa passa pela *mimese* (imitação) – narrativa da história a partir de uma imitação dos fatos conhecidos – e pela *diegese* (relato) – descrição dos fatos e dos acontecimentos na produção do relato, uma representação do real. Expandindo seu universo *diegético*, a narrativa vai permitindo não apenas a criação de novas histórias e personagens, mas também novas maneiras satisfatórias de consumo e interação com esse universo. Cada um dos produtos (filme, games, quadrinhos, programas de TV etc.) representa e configura-se como uma maneira de aceder ao todo.

Dentro dessa dinâmica, Jenkins (2009) trata da relação entre três conceitos fundamentais: “convergência dos meios de comunicação”; “cultura participativa” e “inteligência coletiva”. No primeiro conceito, a convergência entende-se como fluxo de conteúdos por múltiplas plataformas de comunicação, implicando transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. Toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado pelas múltiplas plataformas midiáticas. No segundo (“cultura participativa”), os participantes vão interagindo, seguindo-se um conjunto de regras para a convergência ocorrer dentro do cérebro.

Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros (Jenkins, 2009, p. 30).

No terceiro, a “inteligência coletiva” é definida como fonte alternativa de poder que se vai aprendendo a usar nas interações diárias. A “inteligência coletiva” está alterando o modo como se encara a religião, a educação, a política etc. O objetivo do estudo da relação entre os três conceitos é entender como a “convergência” vem impactando e como os líderes da indústria e os legisladores vão usando a visão/perspectiva do consumidor e se aproveitando dela. A convergência “é a dinâmica tensão com a transformação”.

Diante disso, qual o novo conteúdo que a VRC tem a oferecer? Os novos aplicativos servem para facilitar o intercâmbio, “compartilhar” (a mensagem do Evangelho) em redes, ter acesso a novas experiências, a novas maneiras de ver e à compreensão do mundo, além de aumentar o conhecimento da VRC, investigando a biografia dos personagens favoritos ou buscando esclarecimentos dificilmente conseguidos por outros meios.

4. Diversas plataformas e um conteúdo

As formas de veicular os enunciados da VRC mudam, mas a “essência da Vida Consagrada”¹ é a mesma: o conteúdo mantém-se. Aqui se remeterá ao “palimpsesto”² e à teoria proustiana, sobre o papel da metáfora. “Aos olhos de Proust, não há beleza de estilo sem metáfora” (GENETTE, 1992, p. 41). Para os defensores do “estilo artístico”, a beleza das imagens constitui um valor supremo da escrita literária. Na concepção do palimpsesto, toda narrativa terá uma estrutura (GENETTE, 1992) e terá sempre uma essência: a “metáfora”.

A VRC, utilizando as novas formas de comunicação, produzindo um novo modo de ser religioso, procurando tratar os assuntos e as relações comunitárias com outra visão, conserva sempre a essência da Vida Consagrada e a missão dos religiosos. Na utilização das ferramentas midiáticas, os religiosos consagrados procuram preservar e difundir os valores fundamentais da pessoa. A finalidade de estar no mundo digital é sempre a mesma: fazer ressoar a palavra do

1. A essência da Vida Consagrada estava clara para os Padres do Deserto. Eles simplesmente queriam viver sua aliança batismal de uma forma radical. O segundo momento de sua reflexão foi sobre as quatro bases indispensáveis, sobre as quais precisam construir sua vida para poder viver esse projeto de consagração. O que dá sentido para essas bases é a própria essência da vida consagrada, isto é, a aliança do Batismo vivida na radicalidade. As quatro bases são: a vivência do Primado do Absoluto por meio de uma consagração religiosa; a missão profética na Igreja; a vida em comunidade; a profissão pública de consagração religiosa. Acesso disponível no Portal Católico: <<http://www.portalcatico.org.br/portalcatico/main.asp?view=%7B45E3>

Evangelho e para isso vão formando (produção de conteúdos educacionais) e informando.

Segundo Barbero (2009), a luta contra o pensamento único mobiliza a reflexão e a investigação sobre as mediações históricas do consumidor. Os “mediadores socioculturais”, tanto as figuras institucionais e tradicionais (escola, família, Igreja, bairro etc.) como os novos atores e movimentos sociais emergentes (organizações ecológicas, direitos humanos, movimentos étnicos), introduzem novo sentido do social e novo uso social dos meios.

A VRC entra nessa dinâmica. Os monges que, por séculos, evitaram as “distrações mundanas”, utilizam agora a internet e aproveitam as novas plataformas de comunicação para campanhas em que são incluídos vídeos, blogs e até toque para telefone de canto gregoriano etc. É a nova forma de “recrutar” jovens vocacionados à VRC monástica. No dia 16 de maio de 2011, o site da biblioteca do Mosteiro de São Bento em São Paulo reproduziu um artigo do *The New York Times*, traduzido na *Folha de S. Paulo*, intitulado: “Os religiosos, a vocação e a internet”, sobre o fato de os monges beneditinos da Abadia de Portsmouth, em Rhode Island (nordeste dos EUA) estarem envelhecendo. Cinco deles são octogenários e, o mais jovem, próximo dos 50 anos. O número diminuiu para 12 já que, em 1969, eram 24.

A iminência da extinção levou os monges a adotarem o *facebook* e a criar um *site* (*portsmouthabbeymonastery.org*), onde respondem a perguntas sobre como se tornar monge. Para chamariz usam *slogans* como: “Deus está chamando”. Os frades aparecem como “abertos e totalmente acessíveis”. Para a produção de filmes “publicitários”, a abadia contratou, na época, uma agência de publicidade de Boston. Criaram vídeos *on-line*, onde narram como eles sentiram a vocação e mostram a vida monástica, não esquecendo o convite a uma visita. O objetivo foi capturar a “amabilidade, a sinceridade e a delicadeza”. A página no *facebook* permitiu que os monges formassem sua “base de fãs”. Os mesmos monges, na escola onde lecionam, usam *iPad* nas aulas de arte.

F8EF-9770-427F-A
B28-42D0855269D
1%7D&Team=&par
ams=itemID=%7B2
EC51DCD-7107-41
6E-B4FF-4B9740F
3F984%7D%
3B&UIPartUID=%
7B2C3D990E-085
6-4F0C-AFA8-9B
4E9C30CA74%
7D>. Acesso em:
09/08/2013.

2. Palimpsesto:
palavra de origem
grega que significa
“de novo”, “riscar”,
ou seja, “riscar de
novo”; um pergamino
ou papiro cujo texto
foi eliminado para per-
mitir a reutilização. A
eliminação do texto
era feita pela raspagem
para a reutilização do
suporte de escrita. A
recuperação dos textos
eliminados tem sido
possível em muitos
casos, com o recurso
das tecnologias
modernas. Disponível
em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Palimpsesto>>. Acesso em:
01/08/2013.

No Brasil, o mesmo *site* indica que “os religiosos já seguiram a tendência”. O acompanhamento vocacional pode ser feito com fiéis de todo o Brasil. A Igreja Católica ainda é, para muitos, sinônimo de algo ultrapassado ou fora de moda, mas os religiosos, pelo mundo inteiro, estão unindo esforços para modificar esse cenário. Franciscanos, jesuítas e beneditinos já optaram por fazer acompanhamento vocacional (etapa antes do seminário) *on-line*. A “convergência”, nas palavras de Filho e Castro (2008), está modificando na VRC não apenas as relações de interatividade e de interação com os vocacionados/as à Vida Consagrada, mas também a relação dentro da própria comunidade religiosa com novas formas de pensar, trabalhar e se relacionar.

É nessa “mídiosfera” – termo cunhado por Kieling (2008/2010),³ na sua dinâmica de operações complexas – que se vai destacando o novo cenário da VRC. Na sua mensagem para a 44ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais (2010), o Papa Bento XVI apelou para as “testemunhas digitais” que não ocupem apenas a “web”, mas que contribuam com seu próprio “testemunho” de vida, para alimentar a cultura e para a construção de uma “sociedade mais humanizadora”. O termo substantivado “testemunha” é o elemento fundamental nos novos cenários culturais. Uma atitude que remete, na concepção cristã, ao Evangelho e à pessoa de Jesus Cristo.

5. VRC integrada no discurso da “convergência midiática”

As mídias digitais estão mergulhadas numa rede de significados sociais mutáveis e inovadores. A produção veloz e o consumo voraz de conteúdos audiovisuais (imagens, sons, dados), antes capturados com ferramentas analógicas, e hoje redistribuídos em forma digital, provocam impactos profundos. Ademais, leva a uma visualização quase ininterrupta. É a transformação de tudo e de todos em imagens tecnologicamente mediadas que vão fazendo das telas digitais (dos celulares, das TVs, dos *Ifone*, *iPad*, *iPod*) elementos indispensáveis e centrais em todas as vidas.

3. Mídiosfera – ver tese de doutorado (KIELING, 2009) em que foi descrita e analisada essa esfera de produção, publicação e consumo em que o produtor e o receptor compartilham textos, constroem discursos, portanto, geram sentidos que articulam bens simbólicos de maneira mais interativa e colaborativa. Nessa ambiência de convergência das mídias, chamada de Mídiosfera, há uma circulação de conteúdo por meio da qual o consumidor é mais ativo (nota no artigo: “Apontamentos para uma visão mais complexa da digitalização das mídias” (KIELING, 2001, p. 19). Disponível em: Políticas Culturais em Revista: <<http://www.politicasculturais-emrevista.ufba.br>> (2011, p. 15-31).

A era digital é caracterizada pela formação de uma geração plasmada, nascida com as novas tecnologias que as usa com grande desenvoltura, modificando a forma como as pessoas se comunicam e aprendem. Na verdade, alteram mesmo a noção de tempo e a percepção do espaço. Jenkins (2009) chega a dizer que os meios de comunicação de massa modernos decretaram o fim de tradições culturais importantes que floresciam nos EUA, durante o século XX. O momento atual de transformação midiática está afirmando o direito que as pessoas comuns têm de fazer conhecer sua cultura. A antiga cultura das “quilteiras” (grupo de mulheres que faziam trabalhos de costuras elaborados com retalhos, o *quilt*) parece reviver nessa nova cultura midiática, pois, trabalhando em rede, cada um vai colocando o seu retalho na construção do *quilt*.

Essa dimensão do “fazer-se conhecer” com a ajuda das modernas ferramentas midiáticas tem crescido e ganhado cada vez mais adeptos na VRC. Um simples exemplo: María del Amor Gómez, freira espanhola de 65 anos, vivendo no mosteiro San Pedro de Las Carmelitas de Osuna, em Sevilha, resolveu usar a internet para fazer sua mensagem chegar o mais longe possível.

E que mensagem é essa? Na mensagem de cinco minutos, intercalando imagens do seu dia a dia (cozinha, oração, trabalho), a carmelita conta como sentiu o “chamado de Deus” e anima outras jovens inclinadas à vocação a “não ter medo” de seguir o mesmo caminho na VRC. O vídeo deixa um endereço, um telefone e um *e-mail* para contato. Já foi acessado mais de 11 mil vezes. A iniciativa inspirou religiosas de outros países a fazerem o mesmo. No Brasil, monjas do Monastério Nossa Senhora do Brasil elaboraram um vídeo musical com letra de *rap* para alcançar as mais jovens.

Segundo Barbero (2009), esta época de mudanças político-culturais que anuncia “novas maneiras de estar juntos” está reconstituindo a sociedade e recuperando memórias perdidas, tecendo novos laços de pertença ao território e à comunidade. O *rock* e o *rap*, por exemplo, estão reinventando o sentido de convivência, refazendo laços e trazendo rostos já esquecidos.

A VRC, ao mesmo tempo em que se vai adaptando a essas novas plataformas de comunicação, revê sua história, rompendo com clichês e reimaginando o sentido e a finalidade da própria consagração. Os carismas, a vida dos fundadores, as formas de vivências estão agora acessíveis à “geração digital”, por meio de uma simples tela em diferentes plataformas.

O conteúdo narrado da mensagem que a VRC vai transmitindo gera o que Foucault (2009) chamou de “uma dupla sujeição”: sujeitos que reagem ao discurso veiculado, criando uma interação entre emissor e receptor. A circulação dos diversos conteúdos disponibilizou conhecimentos a uma geração que solicita reconhecimento e aceitação.

A pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro. Questiona o sujeito que fala através e a partir do enunciado, como provam os procedimentos de exclusão e os mecanismos de rejeição que entram em jogo quando um sujeito que fala formula um ou vários enunciados inassimiláveis (FOUCAULT, 2009, p. 42).

Ao se integrar na convergência midiática, a VRC reconhece que o mundo digital é “o ambiente em que nos movemos e o ar que respiramos”. Para Foucault (2009), o pensamento ocidental teve cuidado para que o discurso ocupasse o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra: que ele aparecesse apenas como um “certo aporte” entre o pensar e falar. O discurso no pensamento filosófico foi se reformulando no decorrer da história, mas a internet está lançando as bases para uma nova reformulação jamais vista em tão pouco espaço de tempo.

Considerações finais

Buscando traçar a narrativa transmídia com o discurso midiático na VRC, facilmente se apercebe, pelos poucos exemplos apontados, que novos modelos abrem caminhos de mudança, gerando crises, mas alargando horizontes para “novas fronteiras da evangelização”. As mudanças

realizam-se em um ritmo frenético e a VRC, se não quiser perder o trem, não pode continuar a olhar o futuro com os olhos e os valores de um passado que está lutando para superar.

A convergência é um processo vivido diariamente. Os celulares do passado recente estão dando lugar a dispositivos móveis cada vez mais sofisticados (SMS, jogos, internet, fotos), as TVs tornaram-se interativas “sob medida” com aplicativos de conteúdo exclusivo e os *tablets* depositam na palma da mão a informação desejada, o livro pretendido, o jogo preferido etc.

Segundo Jenkins (2009), estamos em rota de colisão perante um fenômeno que não é apenas mais uma mudança tecnológica, mas que está modificando e modelando a indústria, o público, o mercado e os meios existentes. Plataformas são multiplicadas, narrativas são reinventadas. Com a proliferação de canais e a portabilidade das novas tecnologias, o público passou a produzir e a transmitir conteúdo de uma maneira nunca antes vista.

A internet criou um novo palco onde as pessoas encontram outras pessoas com sua cultura e especificidades. As regras estabelecidas permitem a ordenação semântica das mensagens trocadas e dos relacionamentos travados. A VRC está se esforçando para entrar na nova ambiência. A visão de Jenkins (2009) é absolutamente pluralista e, ao contrário das profecias de extinção dos meios, prevê a convergência multimidiática dos mecanismos, o estabelecimento de novos paradigmas de comunicação e a reinvenção dos suportes de mídia. Eles devem reconfigurar a maneira como as pessoas se apropriam da comunicação, criando um novo modelo de raciocínio comunicacional.

A convergência altera a relação entre a lógica da indústria midiática e a lógica dos consumidores que processam a notícia e mantêm o entretenimento. O avanço da mídia é, cada vez mais, um fenômeno determinante nas relações sociais. A não aceitação da convergência midiática na VRC provoca, frequentemente, a desorientação e uma sensação de inadequação que pode chegar à angústia.

As redes sociais na internet e as consequentes interações são realidades destinadas a criar relações de comunhão. Se a VRC evangeliza e vive a essência da consagração é chamada a estar lá onde estão os homens e as mulheres de hoje e, cada vez mais, eles estão na *web*. Novos desafios são colocados, novos horizontes são traçados na evangelização e a VRC, fiel ao carisma de seus fundadores e à missão que a ela foi confiada, não pode deixar de estar presente de forma competente e responsável nos novos “areópagos” da evangelização.

O impacto que as mídias digitais provocam na VRC obriga ao despojamento de muita coisa para preservar o essencial em cada instituto religioso, seja ele de vida contemplativa (monástica), seja de vida ativa.

Referências

- ALMEIDA, Plutarco. Narrativa transmídia. *Revista Convergência*, XLVII, n. 452, jun. 2012.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- EVANGELHO, Arautos. Associação Internacional de Direito Pontifício. *A era da Internet a serviço do Vaticano e da Vida Religiosa (VR)*. Publicação on-line em: 17/01/2009. Disponível em: <<http://cong2009.arautos.org.br/noticias/1146/A--ldquo-era-internet-rdquo--a-servico-do-Vaticano-e-da-Vida-Religiosa.html>>. Acesso em: 03/08/2013.
- FILHO, Andre Barbosa; CASTRO, Cosette. A convergência digital analisada sob o prisma da Nova Ordem Tecnológica. In: *Comunicação Digital*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsesto*. São Paulo: Perspectivas, 1992.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução: Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KIELING, Alexandre S. Apontamentos para uma visão mais complexa da digitalização das mídias. *Políticas Culturais em Revista*, n. 2, p. 15-31, 2011.

PUNTEL, Joana Terezinha. *A religião na internet*: surgimento de um novo modo de ser religioso (Entrevista). Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4142&secao=377>. Acesso em: 01/08/2013.

SALESIANO. Boletim. Disponível em: <<http://www.boletimsaleciano.org.br/index.php/comunicacao/item/722-o-mundo-digital-e-a-vida-consagrada-em-consonancia>>. Acesso em: 01/08/2013.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que é narrativa transmídia?
2. Como o discurso do mundo midiático se integra à VRC em vista do Reino de Deus?
3. Que desafios e perspectivas se apresentam à integração VRC e novas tecnologias?